

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUDANÇA SOCIAL E PARTICIPAÇÃO
POLÍTICA

JOSELICIO FREITAS DOS SANTOS JUNIOR

**1,2,3... Slam da Guilhermina!
a prática do slam e a formação de fóruns poéticos periféricos**

São Paulo
2023

JOSELICIO FREITAS DOS SANTOS JUNIOR

1,2,3... Slam da Guilhermina!:
a prática do slam e a formação de fóruns poéticos periféricos

Versão Original

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências do Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política.

Área de concentração: Mudança Social e Participação Política.

Orientador:
Prof. Dr. Dennis de Oliveira

São Paulo
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Escola de Artes, Ciências e Humanidades,
com os dados inseridos pelo(a) autor(a)
Brenda Fontes Malheiros de Castro CRB 8-7012; Sandra Tokarevicz CRB 8-4936

Santos Junior, Joselicio Freitas dos
1,2,3? Slam da Guilhermina!: a prática do slam
e a formação de fóruns poéticos periféricos /
Joselicio Freitas dos Santos Junior; orientador,
Dennis de Oliveira. -- São Paulo, 2023.
91 p: il.

Dissertacao (Mestrado em Ciencias) - Programa de
Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política,
Escola de Artes, Ciências e Humanidades,
Universidade de São Paulo, 2023.
Versão original

1. slam. 2. cultura. 3. periferia. 4. fórum. 5.
política. 6. negritude. I. Oliveira, Dennis de,
orient. II. Título.

Nome: SANTOS JUNIOR, Joselicio Freitas dos.

Título: **1,2,3... Slam da Guilhermina!**: a prática do slam e a formação de fóruns poéticos periféricos.

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências do Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política.

Área de Concentração:

Mudança Social e Participação Política.

Aprovado em: ____ / ____ / _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Fulgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Fulgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Fulgamento: _____

Assinatura: _____

*Dedico este trabalho à minha família, parceira integral dessa construção.
À minha companheira, Maria Thereza (Babalu), e minha filha, Sophia.
À minha mãe, Fátima, e ao meu pai, Licio.
À minha irmã, Luana, e ao meu irmão, Thiago.
Ao meu tio Sérgio e à minha cunhada, Cristiane.
In memoriam, à minha avó Maria.*

AGRADECIMENTOS

Em 2008 fui convidado para palestrar, representando a minha entidade do movimento negro, no Congresso Estadual de Estudantes de São Paulo, que ocorria na sede da Faculdade Zumbi dos Palmares. Para dividir a mesa comigo, representando outra entidade do movimento negro, estava um jornalista e professor da USP, e houve um forte alinhamento político entre nós. Fiquei encantado, mas ainda não tinha dimensão da importância que aquele encontro teria na minha trajetória. De lá para cá eu ingressei no Centro de Estudos Latino-Americano sobre Cultura e Comunicação, coordenado por ele, onde fiz a especialização em Mídia, Informação e Cultura. Estivemos em diversas trincheiras da luta social e política. Constituímos uma amizade e uma parceria forjada nas lutas e sonhos de uma sociedade mais justa e igualitária. Dennis de Oliveira, obrigado por abrir as portas da universidade, por estender a mão e me fazer acreditar que também posso ocupar esse espaço da produção do conhecimento. Tamo Junto!

Não posso deixar de agradecer à militância do movimento negro, particularmente do Círculo Palmarino, entidade que ajudei a construir, especialmente na figura do companheiro Fabio Nogueira, um grande amigo de jornada, também grande estimulador das minhas jornadas de estudo, e também na figura da companheira Luciete, com quem compartilho muitas jornadas e uma grande amizade. Abraço toda a militância do Círculo Palmarino e do movimento negro brasileiro, um salve também para a galera da Ação Negra.

Outra figura que não posso deixar de agradecer é o Marcio Farias, um grande parceiro e amigo, pessoa chave na concepção e constituição da Dandara Editora, arranjo editorial que nos propusemos a construir nos últimos anos para incidir na batalha das ideias.

Nas pessoas do Severino e da Natália agradecer toda a companheirada da Fundação Lauro Campos e Marielle Franco. Nas pessoas da Nathália Oliveira e do Dudu toda a companheirada da Iniciativa Negra. Esses dois espaços foram cruciais na minha trajetória recente. Também quero deixar um abraço fraterno a toda a companheirada do PSOL, Círculo Palmarino e a esquerda de Embu das Artes, minha terra.

Quero agradecer imensamente o acolhimento dos organizadores do Slam da Guilhermina Emerson Alcalde, Cristina Assunção e Uília Chapéu. Obrigado por abraçarem junto comigo essa jornada, pelos depoimentos formais e informais, pela confiança. Saibam do meu respeito e admiração. Também aproveito para agradecer às/aos poetisas que me acolheram. Não foi possível entrevistar todas as pessoas, mas acompanhar suas trajetórias, performances e as conversas informais foram cruciais para o desenvolvimento do trabalho.

Além de dedicar este trabalho à minha família, não poderia deixar de agradecê-los! Pela parceria e paciência da minha companheira Babalu, pela cumplicidade da minha filha Sophia, que me acompanhou em algumas edições do slam e também passou a se interessar pela cena dos slams, batalhas de mc's, o que me gera muita alegria. Fátima e Licio, sempre presentes e entusiastas de tudo o que me proponho a fazer, conformando uma retaguarda fantástica. Luana, também mestranda, compartilhando os desafios acadêmicos. Thiago, parceiro e na retaguarda. Sergio e Cris, também nesse time cotidiano que conforma um quilombo familiar! Meu muito obrigado!

RESUMO

SANTOS JUNIOR, Joselicio Freitas dos. **1,2,3... Slam da Guilhermina!**: a prática do slam e a formação de fóruns poéticos periféricos. 2023. 91f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Versão Original.

A partir do Slam da Guilhermina, este trabalho busca compreender a formação da cena das batalhas de poesia no Brasil, suas sujeitas e seus sujeitos protagonistas e os efeitos dessa ação cultura. Compreendemos que esses espaços protagonizados por jovens, negras e negros e moradores das periferias, conformam debates sociais públicos que chamamos de “Fóruns Poéticos Periféricos”. Entendemos que a prática do *Poetry Slam* no Brasil se conecta com uma cena mais ampla de culturas urbanas e periféricas, como o hip hop, os saraus, a literatura periférica e as batalhas de mc’s, mas possuiu as suas singularidades e especificidades, objetos deste estudo. Ao longo da pesquisa notamos que o crescimento do slam no país coincide com um contexto de profunda crise econômica, um avanço de uma política de austeridade com corte nos investimentos públicos nas áreas sociais, ascensão da extrema direita e de profundas mudanças na divisão internacional do trabalho. Isso torna os slams espaços de sociabilidade, reflexão e debate público contestatório e de contraponto ao avanço conservador, protagonizado por jovens negras e negros e periféricos.

Palavras-chave: slam. cultura. periferia. fórum. negritude.

ABSTRACT

SANTOS JUNIOR, Joselicio Freitas dos. 1,2,3... Slam da Guilhermina!: The practice of slam and the formation of peripheral poetic forums. 2023. 91f. Dissertation (Master of Science in the Postgraduate Program in Social Change and Political Participation) - School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2023. Original Version.

Taking Guilhermina's Slam as a starting point, this paper seeks to understand the formation of the poetry slam scene in Brazil, its subjects and protagonists, and the effects of this cultural action. We have understood that these spaces, led by young people, black women and men, and residents of the peripheries, form public social debates that we call the Peripheral Poetic Forum. We believe that the practice of Poetry Slam in Brazil connects itself to a scene of urban and peripheral cultures, such as hip hop, soirees, peripheral literature, and MC battles. It has its own singularities and specificities, which are the subject of this study. Throughout the research, we noticed that the growth of slam in the country coincides with a context of deep economic crisis, the advance of austerity policies with cuts in public investment in social areas, the rise of the extreme right, and profound changes in the international division of labor. All this makes the slam a space of sociability, reflection, and public debate that challenge and counter the conservative advance.

Keywords: slam. culture. periphery. forum. blackness.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Print da postagem na página do Slam Resistência no Facebook do –videopoema “Ele não”, de Daniel Carvalho.

Figura 2 – print da página do Slam da Guilhermina com a postagem do videopoema “Fragmentos”, de Mariana Felix.

Figura 3 – Logo do Slam da Guilhermina.

Figura 4 – Recorte do Panfleto de Divulgação do Slam SP com participantes da edição 2022.

Figura 5 – Print da Postagem do videopoema de Tawane Theodoro postado na página do Slam Resistência.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Comunidade de slam no Brasil (2008 - 2018). (ROMÃO, 2022, p. 68).

Gráfico 2 – Comunidade de slam no Estado de São Paulo (2008 - 2018). (ROMÃO, 2022, p. 68).

Gráfico 3 – Estados participantes do SLAM BR (2008 - 2018).

Gráfico 4 – Fonte: CGI.br (2023).

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Mapeamento dos SLAMS SP. (Aluízio Marino, 2017).

Mapa 2 – Mapa dos slams de poesia no Brasil. (Aluízio Marino in ALCALDE, 2022).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1: A CENA E O CENÁRIO DO SLAM NO BRASIL	19
1.1 A CENA	20
1.1.1 A cena dos slams e as outras cenas culturais periféricas	25
1.1.2 O papel da internet na expansão da cena	27
1.2 O CENÁRIO	31
1.2.1 A poesia entra em cena no cenário	38
CAPÍTULO 2: AS SUJEITAS E OS SUJEITOS	50
2.1 QUEM ORGANIZA ESSE ROLÊ?	50
2.1.1 Slam da Guilhermina como um grupo específico	55
2.2 DO CREDO AO POW: OS SLAMMERS E SUAS ELABORAÇÕES SOBRE A REALIDADE	58
2.2.1 A interação ao vivo	63
2.2.2 Slammers	66
2.2.3 Produção literária	69
CAPÍTULO 3: O FÓRUM POÉTICO PERIFÉRICO	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84

INTRODUÇÃO

1, 2, 3... Slam da Guilhermina! Após o grito a/o poeta tem até três minutos para performar sua poesia autoral, sem acompanhamento musical ou qualquer adereço. O protagonismo é todo dela, a poesia. O cenário é uma praça na saída da estação Guilhermina Esperança, linha vermelha do Metrô paulista, localizado na Zona Leste da capital. O encontro ocorre toda última sexta-feira do mês, desde de 2012.

Antes de começar, são feitas as inscrições e são sorteados os participantes daquela edição. Cinco pessoas da plateia são convidadas para serem juradas. As notas podem ser de zero a dez, podendo ser fracionadas de zero a nove décimos. A melhor e a pior nota são eliminadas, formando, assim, uma média. Os melhores pontuados vão para uma segunda rodada e os três melhores vão para a final, em que se consagra a “slampiã” ou o “slampião” daquela edição, tornando-se finalista do Grande Slam no final da temporada de um ano. Todas as regras são explicitadas pelos organizadores logo no início do evento.

A ordem de apresentação também é definida por sorteio. Ao final de cada apresentação, a/o mestre de cerimônia (slammaster) anuncia a nota dos jurados. Para cada nota abaixo de dez, o público grita “credo!”. E a cada nota dez o público grita “pow!”. A temática das poesias é de livre escolha das/os poetas, mas é inevitável notar a forte presença de temas que abordam racismo, machismo, sexismo, relacionamento tóxico, pauta LGBTQIA+, desigualdades sociais, problemas da vida cotidiana nas periferias, além de críticas duras aos governantes de plantão.

Discursos contundentes e frases de efeitos que provocam reação imediata do público; versos rimados que remontam ao universo do canto falado como o rap; performances que remetem ao teatro. Esse mosaico transforma o que parecia ser um simples torneio de poesia em uma análise de conjuntura coletiva, em que os temas mais latentes da sociedade estão ali, explícitos, narrados e reelaborados por meio da arte e da literatura.

Um olhar atento também explicita a presença majoritária de jovens, de negras e negros, tanto no público como entre os slammers¹, uma significativa participação de mulheres e pessoas LGBTQIAP+, o que representa uma mudança importante em relação aos coletivos de hip hop dos anos 1990, protagonizados quase exclusivamente por homens. Vale ressaltar que as raízes do hip hop se fazem presente, assim como dos saraus, particularmente em uma

¹ Slammers são os poetas que participam como competidores no Slam.

estética poética narrativa intrinsecamente ancorada na realidade cotidiana. O Slam também é o espaço do encontro, do afeto, do associativismo como forma de pensar e agir em sociedade, da educação popular, do conhecimento compartilhado e codificado. Esse é o ponto de partida desta pesquisa.

A partir do Slam da Guilhermina queremos olhar para essa cena do slam e suas possibilidades e limites para uma ação política-cultural. Escolhemos esse slam por ser o segundo slam do Brasil e o primeiro a ocorrer na rua, em uma praça na saída da estação do metrô Guilhermina Esperança, na periferia da zona leste da capital paulista. Além de ser uma inspiração para outros slams também ocuparem as ruas, o Slam da Guilhermina tem uma regularidade e uma longevidade, completando em 2023 11 anos de atuação de forma ininterrupta.

O Slam da Guilhermina também conseguiu ao longo desses anos fazer registros audiovisuais como vídeos poemas, documentários, lives e publicações de livros com as/os poetisas vencedoras de cada edição, formando coletâneas anuais. Esse rico material forma uma memória bastante singular, permitindo vários caminhos para os estudos.

Partimos do entendimento que cultura e política são indissociáveis e, particularmente para a população negra brasileira, a cultura foi um importante instrumento de resistência e contraposição antissistêmica e que se reelabora até os dias de hoje, tendo o slam como uma dessas expressões. Para a compreensão desse fenômeno, utilizaremos as categorias grupos específicos e diferenciados elaboradas por Clóvis Moura².

Como propõe Clóvis Moura pesquisamos o fenômeno cultural do slam a partir da complexidade social em que ele está inserido e suas múltiplas determinações, portanto é olhar para o contexto histórico, analisar o cenário mais amplo da sociedade e olhar as especificidades daquela expressão cultural, seja a partir do território onde está inserido, pelos sujeitos que protagonizam, como pelas narrativas que são elaboradas e como isso ressoa na sociedade.

Para a construção e desenvolvimento dessa pesquisa utilizamos um conjunto de metodologias como a observação participante, onde acompanhamos, ao longo do ano de 2022 e primeiro semestre de 2023, todas as edições do Slam da Guilhermina, acompanhamos o SLAM SP entre os dias 20 e 23 de outubro de 2022, acompanhamos duas edições do Slam Resistência na Praça Roosevelt, centro de São Paulo, acompanhamos a final do 8º Slam Interescolar realizada no dia 17 de novembro de 2022 no Teatro Sergio Cardoso, na região central da capital paulista.

² MOURA, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2019. (Palavras Negras).

Realizamos entrevistas com os 3 organizadores (slammasters) do Slam da Guilhermina – Cristina Assunção, Emerson Alcalde e Uflia Chapéu. Além deles, entrevistamos as/os slammers (poetas) Tawuane Teodoro, Nuel e King Abraba e realizamos breves entrevistas com frequentadores do Slam. Para este estudo também buscamos fazer uma revisão bibliográfica e estabelecer diálogos com outros trabalhos que tratam do Slam e das culturas periféricas. Assim, analisamos parte da produção literária que fomos adquirindo durante a pesquisa, como os livros do Slam da Guilhermina. De outros coletivos, como Slam do 13 e Slam Resistência, trabalhamos com livros e livretos de diversos slammers e poetas. Vale destacar também o uso de materiais disponíveis nas plataformas digitais, como Youtube, e redes sociais, como Facebook e Instagram.

Nessa perspectiva, partimos da construção do cenário, uma breve digressão da construção do Cena do Slam e sua interlocução com os movimentos culturais periféricos, além de uma análise do cenário político, econômico e social atravessado pela sociedade contemporânea e como isso se reflete na produção poética. Nosso segundo passo é analisar as sujeitas e sujeitos que compõem essa cena. Entendemos que há um tripé fundamental para a prática do Slam da Guilhermina: os organizadores, conhecidos na cena do *Slam* como *Slammasters*; as/os poetas competidores, conhecidos como *Slammers*; e o público, que chamamos de *público ativo*, dentre os quais são escolhidos 5 juradas/os. Entendemos que há um quarto elemento, sobre o qual não nos aprofundaremos neste estudo. Trata-se do entorno, composto por transeuntes, ambulantes, comerciantes e frequentadores da praça que acabam sendo impactados pela atividade cultural que acontece há 11 anos no mesmo local.

Nossa proposta é compreender os aspectos gerais e específicos que compõem cada um desses sujeitos que conformam esse tripé. Nesse sentido, conceitos como *Sujeitas e Sujeitos Periféricos*³ e *intelectuais periféricos*⁴ são fundamentais para ajudar nessa compreensão. Entendemos que esse tripé conforma um *Fórum Poético Periférico*, um fórum que pensa, elabora sobre vários aspectos da dimensão humana por meio da poesia e produz consciência a partir do olhar de pessoas periféricas.

Outro aspecto fundamental para compreender o Slam da Guilhermina é observar aquilo que podemos chamar de trabalho de base, que é o Slam Interescolar, um trabalho que teve início em 2015 com 4 escolas chegando a ter em 2023 330 escolas participantes, todas

³ D'ANDREA, Tiaraju Pablo. **A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. 1 ed. São Paulo: Editora Dandara, 2022.

⁴ OLIVEIRA, Dennis. **Periferias insurgentes: ações culturais de jovens nas periferias de São Paulo**. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados, 2021.

dentro do estado de São Paulo. Um detalhe importante: 150 Escolas estão na zona leste da capital paulista, mesma região onde ocorre o Slam da Guilhermina.

Neste trabalho de pesquisa não será possível construir um aprofundamento sobre essa ação, pois trata-se de uma tarefa a que nos dedicaremos em projetos futuros. Mas vale destacar a importância dessa iniciativa na formação e ampliação de público, na formação de novos poetas, em um processo dialético entre as ruas e as escolas, as escolas e as ruas, conformando uma “pedagogia do slam”, que envolve professores, poetas formadores, ciclos formativos e estudantes.

Para concluir esta apresentação e partirmos para a pesquisa, um aspecto interessante chama a atenção: essa atividade cultural que mobiliza centenas de jovens mensalmente, que ajudou a inspirar outros slams nos 4 cantos do país, que hoje atua em mais de 300 escolas no estado de São Paulo, cujos três organizadores são abertamente militantes de esquerda, sendo um deles inclusive filiado ao Partido dos Trabalhadores, essa tecnologia social passa ao largo dos espaços estabelecidos como “formais” da esquerda brasileira.

Como nos alerta Clóvis Moura, as iniciativas culturais não são necessariamente revolucionárias, mas podem ser um ponto de partida, um espaço de tomada de consciência, um espaço coletivo de reflexão, que tem suas contradições, e estas por sua vez também são atravessadas pela sociedade contemporânea neoliberal competitiva, individualista, de concorrência generalizada. Mas, ao mesmo tempo, essas iniciativas escapam, reelaboram, apresentam uma visão crítica, apresentam novas formas, produzem memória e consciência, constroem identidade, despertam, alertam.

CAPÍTULO 1: A CENA E O CENÁRIO DO SLAM NO BRASIL

A batalha de poesia falada (*spoken word*) conhecida como slam tem sua primeira edição do Brasil em 2008, mais precisamente na Pompéia, um bairro de classe média na cidade de São Paulo. Esse foi um momento de efervescência da cena da literatura periférica, por meio do saraus. No ano 2012, o slam começa a ser praticado na rua, em um bairro periférico da zona leste paulistana. Em 2015, começam a viralizar⁵ nas redes sociais videopoemas de praticantes e, entre 2016 e 2017, há uma significativa expansão dessa expressão cultural de modo que ela ganha uma proporção nacional.

Com regras simples e objetivas, o slam é uma espécie de jogo que precisa de três itens para acontecer. Primeiro as/os organizadores, chamados de slammasters, que são responsáveis por sortear e anunciar os competidores, definir os jurados, calcular as notas. Geralmente o slam tem um grito de guerra que é puxado pela/o slammasters e respondido pelo público presente, e isso define o momento de início da contagem do tempo para a performance. O segundo item são os competidores, chamados de slammers. Para participar, elas/eles precisam ter no mínimo 3 poesias autorais, e durante a apresentação não podem usar adereços, figurino ou acompanhamento musical. A poesia pode ser decorada ou lida, e o tempo máximo de apresentação é de 3 minutos, sendo que a cada 10 segundos ultrapassados a/o slammer perde meio ponto da nota final. O terceiro item é o público, pois os slammasters escolhem 5 pessoas para serem juradas/os. As notas são apresentadas simultaneamente ao final de cada poesia e podem variar de zero a dez, com fração de zero a nove. A maior e a menor notas são eliminadas, formando uma média. O jogo ocorre em três rodadas eliminatórias, e afunila até estabelecer uma campeã ou campeão daquela edição.

Essas regras foram criadas por Marc Smith⁶, que criou essa atividade em Chicago, nos Estados Unidos, na década de 1980. Ela foi reproduzida em alguns países do mundo, o que permite inclusive a realização de competições internacionais. No Brasil esse modelo também foi reproduzido, e hoje existe um circuito nacional organizado anualmente, o Slam BR, antecedido por etapas estaduais.

Nosso propósito neste capítulo é compreender um pouco sobre como se conforma essa cena do slam no país e como ela se conecta com outras expressões culturais periféricas já

⁵ Expressão utilizada para designar conteúdos publicados em redes social que obtêm grande alcance com número expressivo de visualizações e interações como curtidas, comentários e compartilhamentos.

⁶ O site do Marc Kelly Smith traz um pouco da sua trajetória e do surgimento do slam. Ele está disponível em: <http://www.marckellysmith.net/>. Acessado em 01 de agosto de 2023.

consolidadas. Também nos interessa olhar para o cenário político, social e econômico em que essa expressão cultural se expande e, por fim, fazer um exercício analítico de poesias escritas por slammers e sua ressonância com o contexto em que foram elaboradas.

1.1 A CENA

Neste momento nos desafiamos a pensar sobre o desenvolvimento do slam no Brasil conformando a cena que conhecemos hoje. Para iniciar esse trajeto consideramos a dissertação de Luiza Sousa Romão, intitulada “Microfone em chamas: slam, voz e representação”⁷. Ela reconstitui o surgimento da competição nos Estados Unidos e traça os períodos de formação do slam no Brasil. Trata-se de um estudo fundamental para análise que nos propomos a fazer.

Na introdução do trabalho, Romão traz algumas definições do que seria slam, dentre elas “Não é islã, é slam”, para diferenciar da prática religiosa. Uma outra definição da palavra slam é uma onomatopéia: “bater, ou fazer algo bater, com muita força, causando um barulho alto”. A autora também traz a terminologia utilizada no esporte, especialmente no bridge, no tênis e no golfe, para denominar eventos importantes, como o Grand Slam de Roland Garros, e ainda indica que no basquete *slam dunk* significa enterrada. Ela traz mais duas definições que avaliamos serem importantes destacar

Competição de poesia criada na década de 1980, em Chicago, nos Estados Unidos (EUA), pelo poeta e construtor civil Marc Smith, cujas regras se resumem à declamação de poemas autorais de até três minutos, sem uso de figurino, adereço ou acompanhamento musical. No Brasil, foi implementado por Roberta Estrela D'alva e pelo grupo de teatro hip hop Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, em dezembro de 2008, através do ZAP! SLAM (Zona Autônoma da Palavra). (ROMÃO, 2022, p 15).

E ainda traz a definição do próprio criador do Slam, Marc Smith:

Slams são eventos cativantes de poesia que focam a atenção da plateia ao vivo na apresentação de poemas que foram compostos, aperfeiçoados e ensaiados com o propósito de serem performados - muito frequentemente numa arena competitiva, mas não sempre. É um carnaval, um espetáculo público ou cortejo, uma sala de aula interativa, uma assembleia na prefeitura, um jogo de moeda, uma partida de boxe diversificada, um renascimento ao estilo de uma igreja que eletrifica e anima as pessoas que estão escutando e assistindo. (SMITH, 2009, p. 3 apud ROMÃO, 2022, p. 15).

Ao longo do primeiro capítulo, Romão faz uma revisão bibliográfica importante do debate do surgimento do slam nos Estados Unidos e de como ele se espalha pelo mundo e avança para a formação do slam no Brasil, que se inicia com o ZAP! Slam, em 2008, organizado

⁷ Dissertação defendida no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2022.

pelo Núcleo Bartolomeu de Depoimentos em sua sede na Pompéia, bairro de classe média da capital paulista, surgindo o segundo slam apenas em 2012, em uma praça da Zona Leste de São Paulo, na saída da estação do metrô Guilhermina Esperança. O surgimento do Slam da Guilhermina é uma virada de chave, pois ocorre em uma região periférica da cidade e na rua, na praça. Essa será uma característica que irá marcar a cena do slam no país.

Ao contrário de outros países, onde os eventos ocorrem predominantemente *indoor* (em teatros, bares, centros culturais, quadras esportivas e associações de bairro), o *slam* brasileiro se caracteriza pela utilização do espaço público, dialogando com outros movimentos de ocupação da cidade, como os encontros de hip hop no Largo São Bento no centro de São Paulo durante as décadas de 1980 e 1990. (ROMÃO, 2022, p. 20).

Com dados coletados com o Slam BR, competição nacional que reúne anualmente comunidades de slams de todas as regiões do país, Romão traçou ao menos 4 períodos para o slam brasileiro, sendo o primeiro entre dezembro de 2008 e final de 2013, quando a cena se restringia à cidade de São de Paulo. O segundo período é a partir de 2014, com o surgimento do slam em outros estados, destacando-se o surgimento em São Paulo do Slam Resistência, que terá um papel fundamental na divulgação do *spoken word*⁸ no Brasil por meio da filmagem e postagem dos videopoemas⁹ em sua página do Facebook, atingindo milhões de visualizações. O terceiro período ocorre na virada de 2016 para 2017, quando, segundo Romão, ocorre o *boom* do slam no Brasil.

Em 2017, o SLAM BR passa a receber poetas representantes de 14 Estados e, em São Paulo, o número de comunidades aumenta de 17 para 31. Nesse período, em paralelo à expansão numérico-geográfica, ocorre a profissionalização da competição, com chaves, eliminatórias e semifinais, a criação de campeonatos estaduais e o encorpamento dos fóruns de debate. Atualmente, cada estado possui dois representantes que discutem junto com a equipe do SLAM BR as diretrizes da competição. (ROMÃO, 2022, p. 70).

Compreendemos que o quarto momento da cena do slam no país foi o período da pandemia, quando a maioria das batalhas deixaram de ocorrer e algumas migraram para o formato online. Emerson Alcalde, slammaster do Slam da Guilhermina, relata em seu livro “Nos corre da poesia; autobiografia de um slammer” que foi difícil no começo se adequar, mas ao mesmo tempo o formato online permitiu uma nacionalização com a participação de poetas

⁸ Expressão em inglês de poesia falada.

⁹ Del Chaves, slammaster do Slam Resistência, falava no Documentário “Ágora do agora” que a estratégia de gravar as poesias foi inspirada no poeta Paulo Leminski, que afirmava que o futuro da poesia era o videopoema. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9xvcLSj-ICo>. Acessado em 01 de agosto de 2023. Conferir também o vídeo do Paulo Leminski sobre o futuro da poesia, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sku9F9KPLRE>. Acessado em 01 de agosto de 2023.

de vários estados e até mesmo a internacionalização com a participação de poetas de países africanos que falam língua portuguesa, como Moçambique e Angola¹⁰.

Consideramos que há um quinto período da cena do slam no Brasil: o retorno presencial. Com o avanço da vacinação e a reabertura dos eventos, os slams começam a voltar ao seu formato presencial. O SLAM SP, de 2022, realizado entre os dias 20 e 23 de outubro na Biblioteca Mário de Andrade, no centro da capital paulista, voltou a ser presencial após duas edições online, reuniu representantes de 44 comunidades de slam espalhadas pela capital, região metropolitana, interior e litoral¹¹.

Na sequência apresentamos três gráficos elaborados por Romão que ajudam a ilustrar esse crescimento exponencial das comunidades de slam no Brasil e em São Paulo e o crescimento da participação de Estados no SLAM BR.



Gráfico 1 – Comunidade de slam no Brasil (2008 - 2018). (ROMÃO, 2022, p. 68).

¹⁰ ALCALDE, Emerson. **Nos corre da poesia**: autobiografia de um slammer. São Paulo: Ed. Autor, 2022. p. 368.

¹¹ Informações extraídas do panfleto de divulgação do SLAM SP 2022.

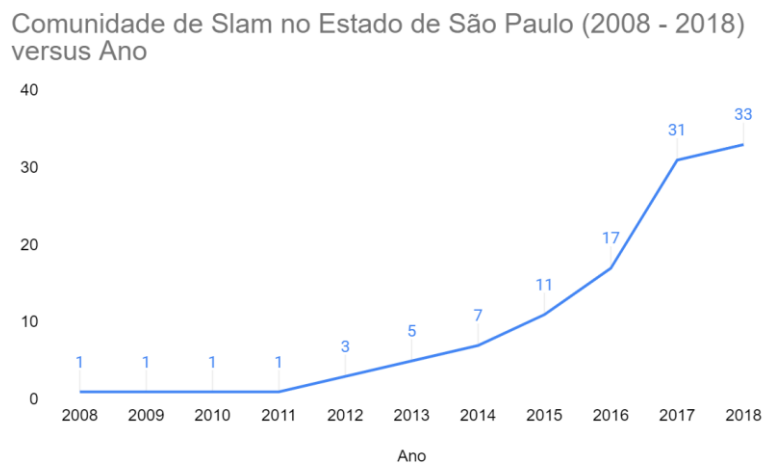


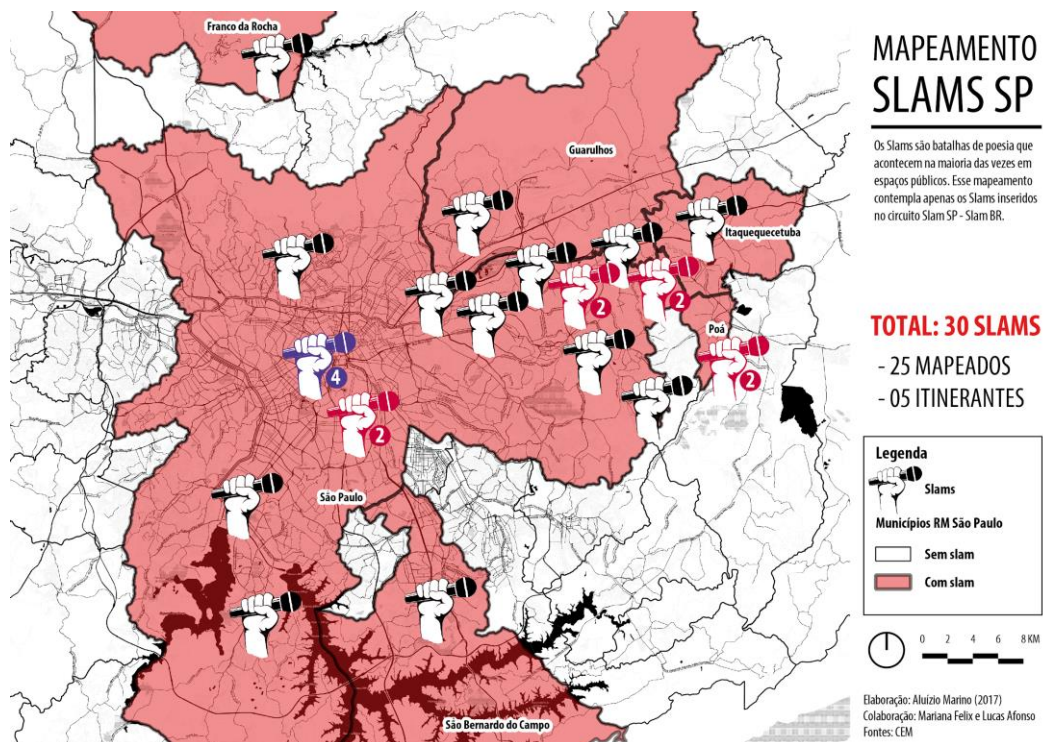
Gráfico 2 – Comunidade de slam no Estado de São Paulo (2008 - 2018). (ROMÃO, 2022, p. 68).



Gráfico 3 – Estados participantes do SLAM BR (2008 - 2018).

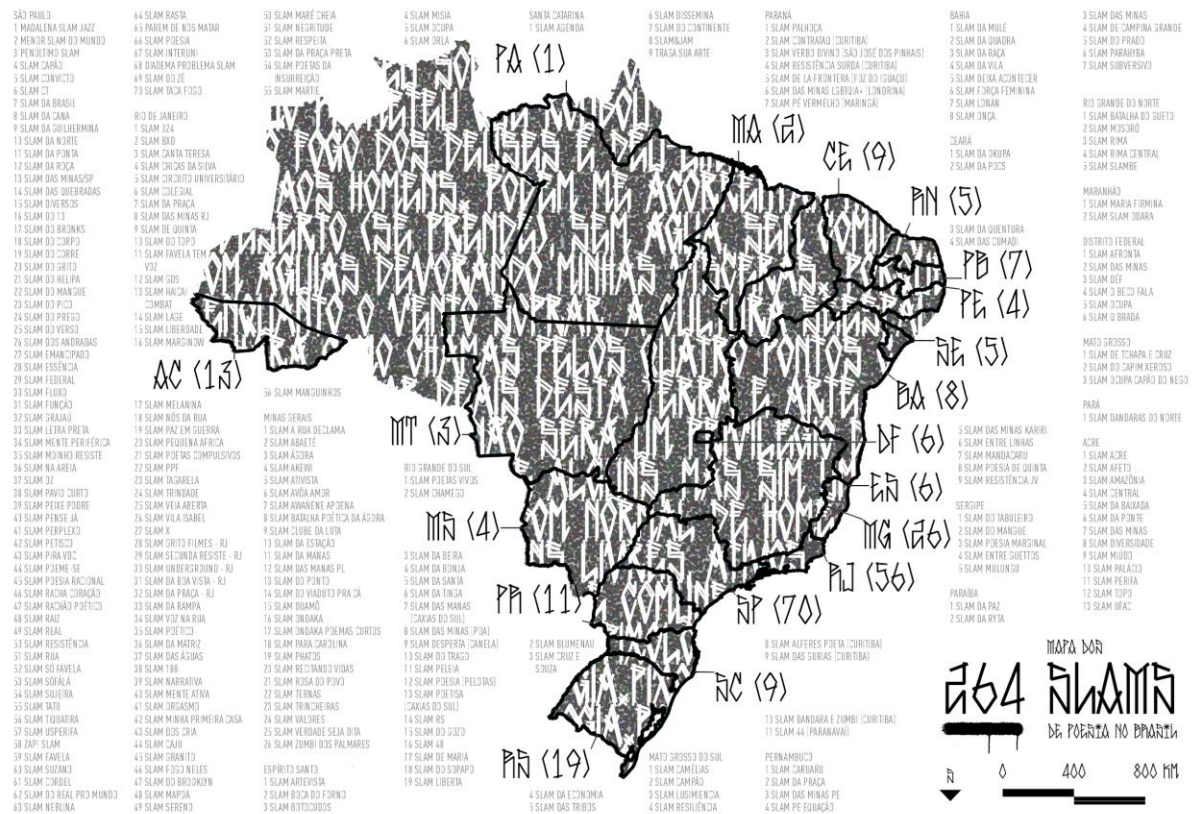
Os gráficos foram elaborados por Romão com base em dados coletados com a organização do Slam BR. Neles nos chama bastante atenção o crescimento exponencial das comunidades de slam entre 2016 e 2017, momento de bastante tensão política e social no país, período em que nos aprofundaremos um pouco mais na sequência do trabalho.

Em seguida, também apresentamos dois mapas elaborados por Aluízio Marino, com o georreferenciamento das comunidades de Slam. O primeiro representa as comunidades de slam de São Paulo em 2017. O segundo foi lançado em 2022 como suplemento do livro *Nos corre da poesia: autobiografia de um slammer*, de Emerson Alcalde, e mapeou 266 comunidade de slam em todo o país.



Mapa 1 – Mapeamento dos SLAMS SP. (Aluizio Marino, 2017).

Interessante notar neste primeiro mapa a maior concentração de comunidades de slam na zona leste da capital paulista, se expandindo para a região metropolitana em cidades como Guarulhos, Itaquaquecetuba e Poá, de modo a mostrar a influência do Slam da Guilhermina nessa expansão.



Mapa 2 – Mapa dos slams de poesia no Brasil. (Aluizio Marino in ALCALDE, 2022).

O mapa 2 nos revela de um lado uma forte concentração de comunidades na região sudeste, mas por outro lado uma presença do slam em todas as regiões do país e em quase todos os estados. Também é importante salientar que pode haver comunidades independentes que se restringem a ações locais e não se conectam com esse circuito nacional.

1.1.1 A cena dos slams e as outras cenas culturais periféricas

Fizemos um recorte de apresentação da cena do slam a partir do seu surgimento nos Estados Unidos, sua chegada no Brasil, suas fases e a sua expansão nos últimos 15 anos, porém é fundamental salientar que essa cena se conecta com os movimentos culturais urbanos e periféricos que vêm desde a década de 1980, dentre eles a cultura hip hop, expressão que ganha força, se nacionaliza e populariza na década de 1990.

O grupo de rap Racionais MCs é a maior simbologia desse contexto, com uma produção musical que catalisou o cenário político, econômico e social e os principais dilemas da classe trabalhadora, principalmente dos jovens negros, principais vítimas da violência urbana. Nesse sentido, consideramos o estudo intitulado *A formação das sujeitas e dos sujeitos*

periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo (D'ANDREA, 2022) uma importante análise para a compreensão deste momento histórico, pois o autor analisa a obra do grupo e sua correspondência com o cenário político, econômico e social do período.

No final da década de 1990 e início dos anos 2000, acontece o lançamento do livro *Capão Pecado*, romance do escritor Ferréz. Ele também organizou 3 edições da Revista Caros Amigos “Literatura Marginal”. No mesmo período, surgiu o Sarau da Cooperifa, liderado pelo poeta Sérgio Vaz. O lançamento da revista vai impulsionar toda uma cena literária, hoje denominada literatura periférica. Para compreensão da constituição dessa cena, consideramos fundamental os estudos de Érica Peçanha do Nascimento, “*Literatura marginal*”: *os escritores da periferia entram em cena* (2006), publicado como livro com o nome *Vozes marginais na literatura* (2009). Além desse trabalho, tomaremos como referência seu estudo de doutorado *É tudo nosso! Produção cultural na periferia paulistana* (2011).

Também ressaltamos a importância da pesquisa que resultou no livro *Periferias insurgentes: ações culturais de jovens nas periferias de São Paulo*, coordenado pelo Prof. Dr. Dennis de Oliveira e publicado em 2021 pelo Instituto de Estudos Avançados da USP. O trabalho realiza um estudo sobre os impactos de políticas públicas como o Programa de Valorização de Iniciativa Culturais (VAI) para o desenvolvimento e fomento de coletivos e ações culturais pelas periferias da cidade de São Paulo.

Percebemos nos últimos anos um sensível crescimento de produções acadêmicas, principalmente nas ciências sociais, fruto inclusive da expansão do acesso à universidade. Essas novas pesquisas trazem reflexões sobre diversos aspectos dessa cultura periférica. É claro que, pelos limites e recorte desta pesquisa, não conseguiremos abordar um maior número delas, ou nos aprofundar em suas nuances, mas reconhecemos a sua importância e exaltamos as perspectivas de ampliação dos estudos, seja em projetos individuais ou mesmo de grupos pesquisas. Nesse sentido, os trabalhos apontados até aqui fazem parte desse contexto e nos ajudaram a compreender a trajetória de cultura periférica que hoje tem como uma de suas expressões o slam.

Retomando a cena do slam, Romão aponta que ele nasce no Brasil vinculado ao grupo de teatro hip hop Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, tendo um vínculo basilar entre o hip hop e a luta antirracista e sendo os primeiros frequentadores do ZAP! SLAM (Zona Autônoma da Palavra) justamente rappers, artistas de teatros e poetas de saraus:

Nos primeiros anos do movimento – talvez porque a linguagem do *slam* ainda estivesse sendo criada – havia uma presença expressiva de MCs e rappers (como Dugueto Shabazz, Zinho Trindade, James Bantu, Rocha e o icônico MC Brejeiro do Cajado), artista do teatro (como Ana Roxo, Cláudia Shapira e Luciano Carvalho) e

poetas de outros movimentos de poesia urbana e saraus (como Chacal, os maloqueiristas Caco Pontes e Berimba de Jesus, Tula Pilar, Victor Rodrigues, Akins Kinté, entre tantas outras que conseguirei nomear). (ROMÃO, 2022, p. 50).

Portanto, mesmo havendo singularidades no seu formato e no seu alcance compreendemos que o slam é uma expressão cultural de um leque maior de expressões culturais caracterizadas como *cultura periférica*. Se observamos as cenas do *hip hop* dos anos 1990, dos *saraus* dos anos 2000 e do slam nos últimos 15 anos, ainda podemos acrescentar as batalhas de mcs e o funk, vamos perceber que essas manifestações culturais possuem pontos em comum, como: são expressões culturais urbanas, que ocorrem em espaços urbanos, expressam temas relacionados aos grandes centros urbanos, têm um grande protagonismo de pessoas negras, além de um tom crítico e contestatório bastante aguçado.

Ainda sobre trabalhos que consideramos importantes para a constituição dessa pesquisa, são fundamentais os estudos da Roberta Marques do Nascimento, popularmente conhecida como Roberta Estrela D'Alva, fundadora do slam no Brasil e organizadora do SLAM ZAP, do SLAM SP e do SLAM BR. Junto com Tatiana Lohmann, ela produziu o documentário *Slam A Voz do Levante* (2017), e como pesquisadora produziu os trabalhos *Um microfone na mão e uma ideia na cabeça: O poetry slam entra em cena* (2011), *A performance poética do ator-MC* (2012) e *Vocigrafias* (2020).

1.1.2 O papel da internet na expansão da cena

Há uma coincidência muito importante entre o crescimento do Slam no Brasil e a expansão do acesso à internet no país. Segundo a pesquisa TIC Domicílios do Comitê Gestor da Internet, o número de usuários de internet saltou de 102 milhões em 2015 para 148 milhões em 2022¹². Mesmo havendo diferenças regionais, de classes sociais e a maioria das pessoas acessarem apenas pelo celular, o que limita as possibilidades de navegação, é expressivo e continua crescendo o número de pessoas que têm algum nível de acesso à internet, sobretudo na área urbana e entre os mais jovens.

¹² Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2022_coletiva_imprensa.pdf. Acessado em: 20/07/2023.

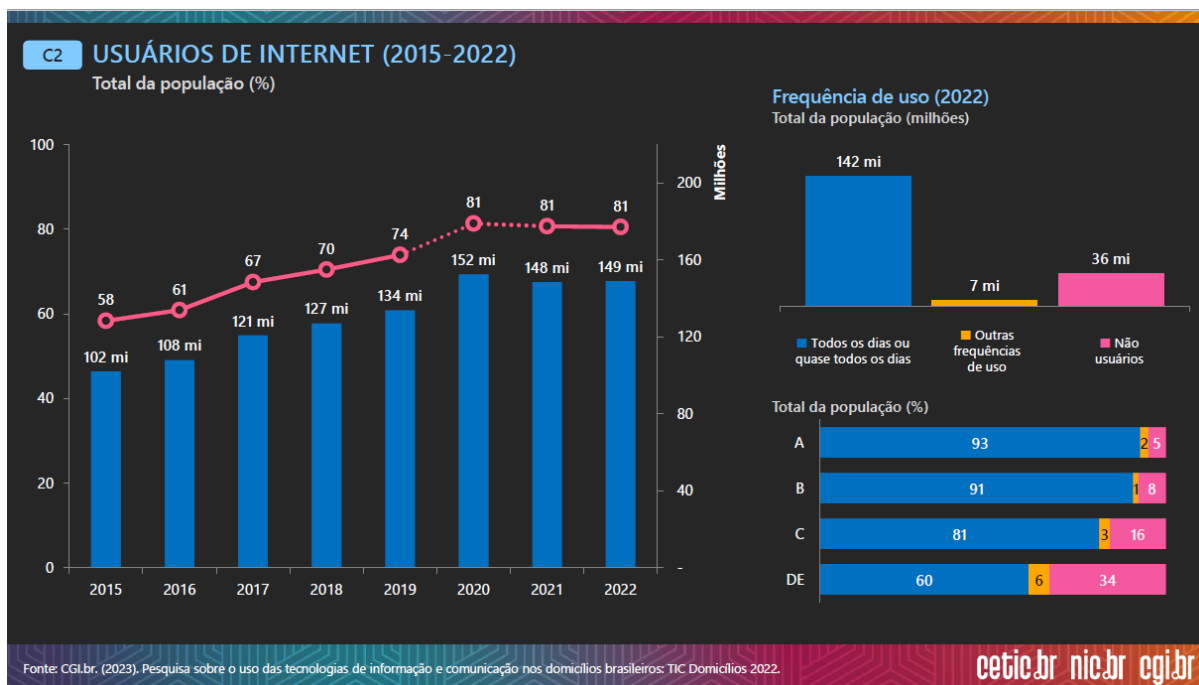


Gráfico 4 – Fonte: CGI.br (2023).

Trazemos esses dados porque ao longo da pesquisa percebemos o quanto os materiais disponíveis na internet, particularmente os videopoemas que já citamos anteriormente, tiveram um papel fundamental para a difusão da prática do slam, inspirando pessoas e coletivos a formarem suas próprias comunidades em suas localidades. Assim também, os videopoemas foram elementos de projeção de slammers que inclusive vão construir suas carreiras artísticas a partir dessa projeção. Iremos nos aprofundar em um caso específico que exemplifica essa questão no próximo capítulo deste trabalho com a trajetória da slammer Tawane Theodoro e a sua poesia “Eu não queria ser feminista”.

Sendo assim, acompanhar algumas redes, assistir vídeos e analisar alguns materiais disponíveis na internet foi crucial para nos auxiliar na compreensão da cena do slam. Ficamos surpresos com a abundância de material disponível em canais na plataforma youtube, em páginas do Facebook e perfis no Instagram, sejam eles de coletivos, comunidades ou de pessoas, tendo alguns vídeos alcances bastante expressivos.

Na seção seguinte, iremos abordar mais detidamente a relação da cena do slam e suas poesias com o cenário político, mas, para ajudar a exemplificar o alcance das postagens nas redes sociais, trazemos um print da publicação na página do Facebook do Slam Resistência do videopoema intitulado “Ele não!”, do slammer Daniel Carvalho.

O vídeo foi publicado no dia 5 de outubro de 2018, dois dias antes de ocorrer o primeiro turno das eleições presidenciais. O “Ele não!”, título da postagem e da poesia, faz

uma alusão direta à campanha encabeçada por mulheres contra o voto em Jair Bolsonaro. No dia 30 de setembro de 2018, uma semana antes das eleições, o movimento realizou atos em 114 cidades do país, sendo o mais expressivo no Largo da Batata em São Paulo¹³. A postagem na página do Slam Resistência no dia que acessamos, início de agosto de 2023, havia alcançado 998 mil visualizações, 3,5 mil comentários e 17 mil reações.

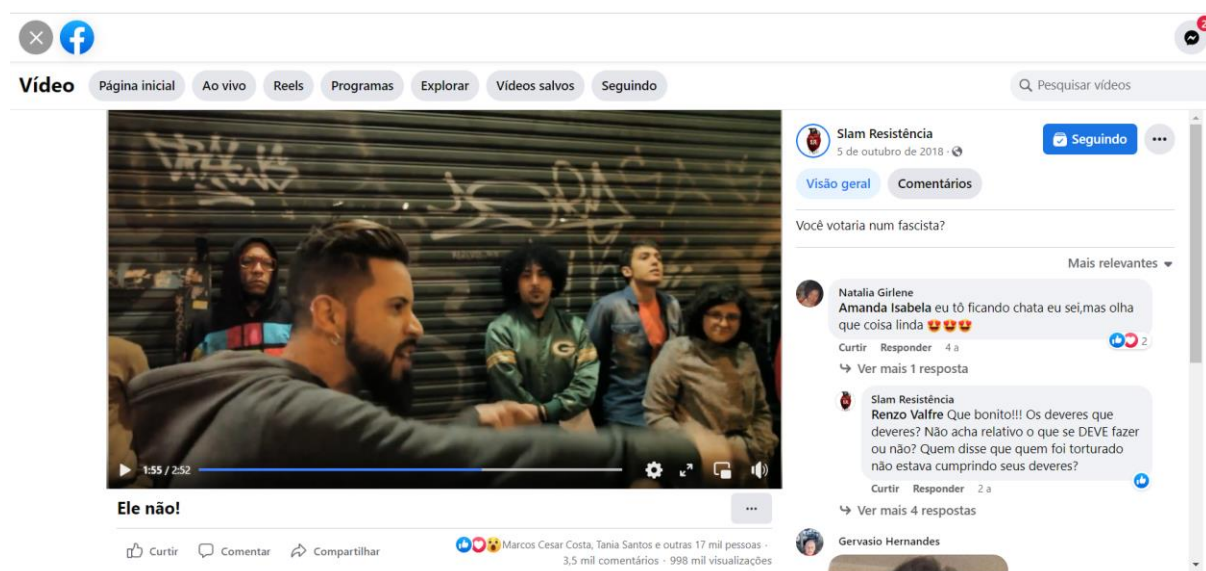


Figura 1 – Print da postagem na página do Slam Resistência no Facebook do –videopoema “Ele não”, de Daniel Carvalho.

Em relação ao Slam da Guilhermina, pensamos em diversas maneiras de como trabalhar o material disponível na internet. Chegamos a assistir sistematicamente 100 vídeos dos 708 do canal do Slam da Guilhermina do YouTube, que possui 48,6 mil inscritos. Assistimos em ordem crescente, começando com os primeiros vídeos publicados em 2012. Foi um processo importante que nos permitiu ter uma noção do início do trabalho e de seu percurso, mas também percebemos que não seria possível assistir e sistematizar todo o material. Contudo, sem dúvida vale ressaltar que é possível propor estudos, construir categorias e análises a partir desse rico material.

O Slam da Guilhermina também possui mais de 12 mil seguidores no Instagram e 68 mil seguidores no Facebook, onde possui videopoemas com bastante repercussão, como a postagem da poesia “Fragmentos”, da slammer Maria Felix¹⁴, postada em 16 de maio de 2017. Em nosso último acesso, realizado no início de agosto de 2023, a postagem havia alcançado

¹³ Matéria da BBC disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>. Acessado em: 03 de agosto de 2023.

¹⁴ Disponível em: <https://fb.watch/mboy41MGZV/>. Acessado em: 03 de agosto de 2023.

649 mil visualizações, 21 mil reações, 2,1 comentários e 12 mil compartilhamentos. O texto traz duras críticas à violência praticada contra as mulheres e traz fragmentos desses abusos cotidianos.

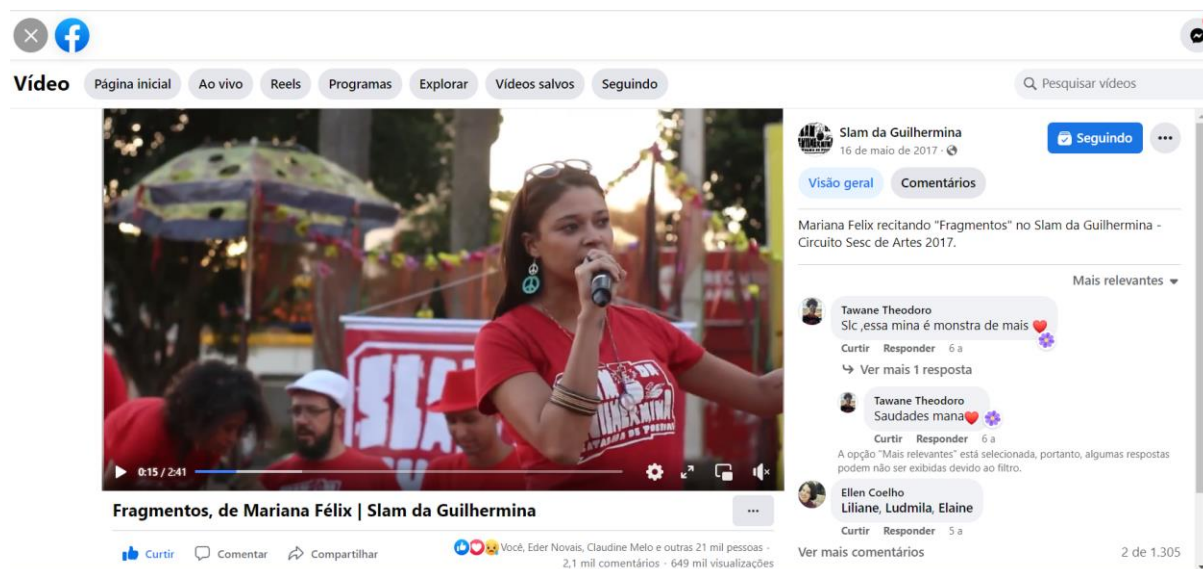


Figura 2 – print da página do Slam da Guilhermina com a postagem do videopoema “Fragmentos”, de Mariana Felix.

Nosso objetivo até aqui foi o de situar a cena da slam, apresentar suas origens, seu crescimento, seu vínculo com a cultura periférica, introduzir alguns estudos importantes que foram basilares para nosso trabalho e apontar os caminhos escolhidos para essa pesquisa. Para seguirmos nessa construção, consideramos fundamental, além de compreender a cena, buscar uma compreensão do cenário político e social em que essa expressão cultural se expande. Olhando para a cena, parece-nos que compreender o crescimento substantivo do slam entre 2016 e 2017 passa também por compreender o cenário político-social da época.

Como já destacamos, uma das características marcantes do slam é a poesia política ou, como é comum ser dito entre os frequentadores do slam, a “poesia militante”, que versa sobre contestações políticas, sociais, que denuncia o machismo, a misoginia, o racismo, a LGBTQfobia. Compreendemos que há uma ressonância entre os fatos de um determinado tempo histórico com as poesias que são declamadas.

Olhando em perspectiva, percebemos como é possível relembrar fatos históricos relevantes a partir das poesias e como elas ganham projeção no calor dos acontecimentos, o que demonstra uma elaboração intelectual sobre a realidade por parte dessas/es slammers. Com isso, faremos um duplo exercício analítico na seção seguinte. Em um primeiro momento,

faremos uma breve análise econômica, política e social, e na sequência um exercício para demonstrar a ressonância entre a poesia elaborada e performada no slam e os acontecimentos político-sociais.

1.2 O CENÁRIO

Fazer uma análise de conjuntura é sempre uma tarefa desafiadora, pois exige selecionar alguns fatos que construam aquele contexto histórico, compreender a posição das/os sujeitas/os, os conflitos de classe, os efeitos e desdobramentos do período analisado. Para nosso trabalho, parece-nos fundamental compreender em qual cenário o slam se expande significativamente no Brasil, quais elementos políticos, sociais e econômicos consideramos importantes nessa virada de 2016 para 2017 e, sobretudo, quais os efeitos desse contexto nessa ação cultural e como esses intelectuais das periferias, os slammers, elaboram sobre o cenário em forma de poesia sobre este cenário.

Nosso ponto de partida é a compreensão de que há uma mudança acelerada e significativa no modo de reprodução do sistema capitalista, em que se intensifica a concentração da riqueza e a produção de bens materiais e imateriais em redes globais com nichos produtivos espalhados em vários países. Isso configura a divisão internacional do trabalho em três níveis básicos: o primeiro é o do desenvolvimento científico-tecnológico situado nos países centrais, sendo o comando da rede, a parte “limpa”; o segundo é a produção manufatureira, da aplicação da técnica dos conhecimentos técnico-científicos desenvolvidos no primeiro nível, a parte “suja” da produção; e o terceiro é o de fornecimento de matérias-primas para a produção¹⁵.

O avanço tecnológico possibilitou uma nova forma de organização da produção, que é o ajuste da ritmicidade da produção com as demandas de consumo, ou seja, ao invés de regular estoque é cada vez mais comum uma produção por demanda e conectada com o consumidor final, que pode inclusive customizar o seu produto. Esse processo exige um fluxo de informação complexo, como nos aponta Dennis de Oliveira no Livro *Racismo estrutura: uma perspectiva histórico-crítica*.

Oliveira traz o exemplo da possibilidade de compra de um notebook, no site de um fabricante. Nesse caso se pode fazer escolhas de configuração e customizações. Ao final é calculado o valor e, com a confirmação do pagamento, é disparado o processo de produção que

¹⁵ OLIVEIRA, Dennis. O combate ao racismo é uma luta anticapitalista in A luta contra o racismo no Brasil org Dennis de Oliveira; Cláudia Rosalina Adão - São Paulo: Edições Fórum, 2017. p. 30

envolve fornecedores de peças, comunicação digital para o cliente acompanhar o pedido, sistema de pagamento e cobrança e logística de entrega, todos feitos por outras empresas especializadas. Tudo isso gera uma fragmentação da cadeia produtiva que exige um forte fluxo de conexão e tecnologia da informação.

Outro exemplo, já no campo dos serviços, é o trabalho plataformizado. Geralmente as plataformas surgem das chamadas startups, empresas de inovação tecnológica que recebem grandes investimentos para o desenvolvimento do negócio e se colocam no mercado como mediadoras de serviços, como os aplicativos de transporte que se colocam como mediadores entre motoristas autônomos e pessoas que querem se deslocar e os aplicativos de comida que se apresentam como mediadores entre restaurantes, entregadores e consumidores.

Trabalhar vinculado a aplicativos tem se tornado uma alternativa de renda cada vez maior para camadas populares da classe trabalhadora. Porém, esse é um trabalho sem vínculos empregatícios. Segundo matéria publicada na Revista Piauí, “O Brasil tem hoje, 2023, cerca de 1,7 milhão de pessoas trabalhando na informalidade como motoristas de aplicativo, taxistas e entregadores”¹⁶. O número de entregadores de moto subiu de 33 mil em 2016 para 383 mil em 2022, com base em dados do IPEA e PNAD contínua (IBGE)¹⁷. A matéria do jornalista Luigi Mazza e da jornalista Renata Buono traz o perfil desses trabalhadores:

São, em sua maioria, homens jovens e negros, que trabalham sem vínculo empregatício e, portanto, com poucas garantias trabalhistas. Dados do Ipea mostram que esses informais fazem jornadas mais longas que a média brasileira, mas recebem pouco: no final de 2021, o rendimento médio de motoristas de aplicativo e taxistas foi de R\$ 1,9 mil, valor 30% menor que em 2016.

A matéria também apresenta dados sobre como esses trabalhadores estão expostos aos perigos do trânsito, “Em 2013, 88 mil motociclistas foram internados depois de sofrerem acidentes; em 2022, foram 122 mil” (MAZZA, BUONO,2023). Vale ressaltar que quando se acidentam ficam sem trabalhar, portanto sem renda, já que não existe nenhum amparo ou auxílio previsto para esses trabalhadores.

Muitas dessas empresas se instalam nos países sem nenhum tipo de regulação, sem escritórios para que possam ser localizadas ou responsabilizadas. Elas produzem impactos nos centros urbanos com aumento da frota de carros, de motos, de bicicletas. São ainda

¹⁶ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/uberizando-a-vida/>. Acessado em: 26 de julho de 2023.

¹⁷ PNAD Contínua – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

responsáveis pelo aumento de acidentes, que gera impacto na saúde pública, e fazem lobby para evitar tributação e responsabilização trabalhistas.

Trouxemos dois exemplos de um processo que segue avançando em diversas áreas e numa escala cada vez mais globalizada, trazendo consequências importantes para os Estados-Nação, como aponta Oliveira:

A primeira questão que se coloca aqui é que o capitalismo informacional, com as suas hierarquias e formas de organização, pressiona pela desregulação normativa do trabalho - ou, melhor dizendo, pela regulamentação feita diretamente pelo capital. E aí se constrói uma zona de conflito entre uma dimensão normativa do trabalho que ocorre dentro das *esferas públicas nacionais* e uma *regulação imposta diretamente pelo capital transnacional*. Nos países da periferia do capitalismo, o divórcio entre poder e política de que fala Bauman se mostra mais nítido. As regulações de trabalho, ainda que mantidas, são solenemente ignoradas até que se cria uma situação “de fato” que se impõe ante a situação “de jure”. (OLIVEIRA, 2021, p. 116).

Quando olhamos diretamente para o Brasil, um fato bastante emblemático que demonstra como a pressão para regulação do trabalho pelo próprio capital interferiu explicitamente na dinâmica política nacional foi o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, eleita para o seu segundo mandato em 2014. O processo teve início em 2015 e foi concluído em 2016, assumindo em seu lugar o então vice presidente Michel Temer. O impedimento da presidenta Dilma foi caracterizado por diversos movimentos sociais e partidos de esquerda como um “golpe institucional”, pois, apesar de não ser um golpe militar armado e seguir um ritual com aparente legalidade, representou uma ruptura democrática, tendo em vista a fragilidade da acusação que culminou no processo, as manobras econômicas feitas por vários governos anteriores, chamadas de “pedaladas fiscais”.

A saída da presidenta Dilma abre várias janelas de possibilidades analíticas que vão desde a escolha do PT de fazer uma aliança com setores conservadores como o PMDB, trazendo Michel Temer como vice na chapa, a crise econômica que avançou no país, a efervescência social do país com as mobilizações sociais de junho de 2013, a operação Lava Jato e a articulação de grupos de extrema direita, o que gerou uma forte polarização nas eleições de 2014, quando a presidente é reeleita por uma margem apertada e elege-se uma bancada parlamentar mais conservadora, que vai gerar instabilidade na relação com o congresso. Nesse contexto foi eleito inclusive o Eduardo Cunha como presidente da Câmara, que vai acelerar uma agenda conservadora e dar andamento ao processo de impeachment.

Diante desse cardápio de possibilidades nos chama a atenção a declaração de Michel Temer em Nova York, em 21 de setembro de 2016, no dia seguinte à sua fala na ONU, em um

almoço com empresários e investidores na sede da American Society / Council of the Americas. Lá ele explicou os motivos do impedimento que o levaram a assumir a presidência da república do Brasil:

Há muitíssimos meses atrás, nós lançamos um documento chamado ‘Ponte para o Futuro’ porque verificávamos que seria impossível o governo continuar naquele rumo e até sugerimos ao governo que adotasse as teses que nós apontávamos naquele documento. Como isso não deu certo, não houve a adoção, instaurou-se um processo que culminou, agora, com a minha efetivação como presidente da República.¹⁸

A declaração de Temer explicita o conflito que havia entre o programa e a linha política de Rousseff e os interesses de uma agenda ultraneoliberal adequada aos interesses desse capital transnacional apontado por Oliveira. O documento citado, “Uma ponte para o futuro”, foi publicado no dia 29 de outubro de 2015¹⁹ pela Fundação Ulysses Guimarães, vinculada ao MDB, com um programa para o país que previa controle dos gastos públicos, flexibilização dos direitos trabalhistas, privatizações, flexibilização nas licenças ambientais. Essa agenda foi seguida à risca por seu governo, que aprovou uma Emenda Constitucional que congelou por 20 anos o gasto público, atingido brutalmente as áreas sociais como a saúde e educação. O então presidente aprovou uma reforma trabalhista que ampliou as possibilidades de terceirização, flexibilizou direitos e enfraqueceu os sindicatos. Mas não só. Ele ainda tentou aprovar a Reforma da Previdência e a privatização da Eletrobrás, projetos que foram executados mais tarde pelo governo Jair Bolsonaro, seu sucessor.

Essa agenda de austeridade²⁰, vale ressaltar, começou no próprio governo Dilma, que, numa tentativa de se equilibrar no comando do país dando sinais ao mercado financeiro, indicou para o ministério da Fazenda Joaquim Levy, uma pessoa ligada ao mercado financeiro, diretor do banco Bradesco. As consequências dessas medidas são bastante graves, gerando aumento do desemprego, da informalidade e da pobreza, como nos aponta a economista Esther Dweek e os economista Fernando Gager Silveira e Pedro Rossi, baseados em dados PNAD contínua:

¹⁸ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/temer-impeachment-ocorreu-porque-dilma-recusou-ponte-para-o-futuro/>. Acessado em: 26 de julho de 2023.

¹⁹ Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3359700/mod_resource/content/0/Brasil%20-%20Uma%20ponte%20para%20o%20futuro%20Funda%C3%A7%C3%A3o%20Ulysses%20Guimar%C3%A3es.pdf. Acessado em: 26 de julho de 2023.

²⁰ Austeridade pode ser definida como uma política de ajuste da economia fundada na redução dos gastos públicos e do papel do Estado em suas funções de indutor do crescimento econômico e promotor do bem-estar social (ROSSI, 2018, p. 7).

O primeiro impacto imediato das medidas de austeridade, juntamente com outras políticas de caráter recessivo, e da queda acentuada do PIB foi um aumento do desemprego [...] a taxa de desemprego passou de 6,5 no quarto trimestre de 2014 para 13,7% no primeiro trimestre de 2017. Para as pessoas que tinham entre 18 e 24 anos os números são muito maiores, aumentando de 14,1% para 28,8% nos mesmos trimestre. (ROSSI, 2018, p. 45).

Sobre a pobreza, as/os economistas apontam que entre 2014 e 2016 houve um aumento de 7,5 milhões para 21,6 milhões em 2016 de pessoas pobres, e as pessoas em situação de extrema pobreza aumentaram de 4,8 milhões para o patamar de 10 milhões de pessoas (ROSSI, 2018, p. 48). Os dados só foram piorando nos últimos anos, atingindo o seu pior índice da série histórica, que se inicia em 2012, no ano de 2021, auge da Pandemia do Covid-19, chegando ao número de 64,6 milhões de pessoas abaixo da linha da pobreza social, sendo portanto 30,4% dos brasileiros²¹.

Se analisamos o ciclo político, econômico e social liderados pelos Governos Lula e Dilma, veremos um certo freio na agenda neoliberal que permitiu uma redução da pobreza, geração de emprego, aumento da capacidade de consumo, algum nível de mobilidade social, resultado de uma conciliação policlassista, rompida com avanço da crise econômica internacional, como descreve Oliveira:

Consideramos que é incorreto tratar os governos Lula (2003-2010) e Dilma Rousseff (2011-2016) como uma ‘continuidade do projeto neoliberal’ ou ainda como uma ‘contrarrevolução transformista’ como alguns intelectuais os classificam e nem tampouco como um ‘governo popular de esquerda’, como outros. Os indicadores mostram que os projetos políticos desses governos tiveram como base uma ‘burguesia interna’, uma classe dominante cujos principais negócios dependem de ações do Estado (como, por exemplo, as empreiteiras de obras públicas ou fornecedores para estatais e mesmo setores exportadores dependentes de abertura de mercado internacionais). Os momentos favoráveis na economia internacional possibilitaram esse política econômica de ‘centro’ em que recursos auferidos pelo desenvolvimento econômico puderam sustentar políticas de inclusão (inclusive racial) e, com isso, articular uma base policlassista de sustentação, com parcelas da burguesia nacional, trabalhadores assalariados, camponeses e setores do agronegócio. Essa foi a base de sustentação socioeconômica dos governos Lula e Dilma, que começa a se romper, principalmente, com a crise econômica internacional, que fez escassear as possibilidades de financiamento desse modelo. (OLIVEIRA, 2017, pp. 30-31).

Esse cenário de crise possibilita um processo de reconfiguração da direita no país atrelada a essa reconfiguração da estrutura do Estado Brasileiro, sendo ambas articuladas por três dimensões narrativas sistematizadas por Oliveira. A primeira delas é a *ideologia da*

²¹ Baseado em dados da PNAD contínua e sistematizados pela PUCRS Data Social. Disponível em: https://www.pucrs.br/datasocial/wp-content/uploads/sites/300/2023/02/Estudo-Pobreza-Social-19.01_final.pdf. Acessado em: 27 de julho de 2023.

meritocracia, expressa por setores da classe média alta descontentes com as políticas de ações afirmativas, os programas sociais de transferência de renda, a extensão de direitos para trabalhadoras domésticas. Afinal, tais setores enxergam a posição social que ocupam resultado do mérito, e não de uma condição de privilégio.

A segunda dimensão é a *ideologia da securitização*, que tem como uma de suas maiores expressões a “bancada da bala”, formada por lideranças da segurança pública. Esta teve os seus aparelhos mantidos na transição da ditadura civil-militar para a democracia institucional e vocaliza a defesa do “cidadão de bem” contra um permanente “inimigo interno” estigmatizado nas figuras dos bandidos, traficantes com um determinado tipo físico (homens, jovens, negros) e moradores de determinados territórios (bairros periféricos, favelas). Isso legitima uma ação violenta cotidiana para a manutenção da ordem, televisionada por programas policiais e conteúdos fragmentados distribuídos massivamente em grupos de aplicativos de mensagem instantânea, como whatsapp e telegram.

A terceira dimensão é a *ideologia salvacionista-messiânica* expressa pela bancada da Bíblia, de grande capilaridade social com o crescimento das igrejas evangélicas, que oferecem um espaço de sociabilidade, uma rede de proteção e de alguma maneira um conforto emocional e suporte diante de um cenário de fragmentação da vida cotidiana, seja nos laços familiares, seja no trabalho. Portanto, ocupa um papel que vai além do sentido “moral e dos bons costumes”, passando a ocupar parte do cotidiano de uma parcela significativa das pessoas e, conseqüentemente, também se forjando como uma força política, atrelada em grande medida a ideias conservadoras e articulada com a ideologia da securitização, por exemplo.

Compreendemos que a articulação dessas dimensões cumpre um papel fundamental para o avanço dos interesses do capital transnacional. Portanto, a reorganização da direita possibilitando a constituição, inclusive de uma extrema direita radical, caminha junto com o avanço de uma agenda ultraneoliberal.

Essa aliança ficou muito nítida no episódio da tentativa de votação, em maio de 2023, na Câmara dos Deputados Federais do Projeto de Lei 2630/2020²², que Institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet, popularmente conhecida como o PL das *Fake News*. Ela tenta criar medidas de combate à disseminação de conteúdo falso nas redes sociais e nos serviços de mensagens privadas.

²² Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/673694-projeto-do-senado-de-combate-a-noticias-falsas-chega-a-camara/>. Acessado em: 28 de julho de 2023.

Quando o projeto estava pronto para ser votado no plenário houve uma grande movimentação das *big techs*²³ de retaliação ao projeto. A Google colocou uma nota contra o projeto na página inicial do buscador. O Telegram enviou mensagens para seus usuários. Houve uma forte pressão no congresso e as Big Techs foram apoiadas pelas bancadas de extrema direita. Um fato bastante emblemático nesse contexto foi a contratação de Michel Temer como consultor do Google para fazer lobby junto ao Congresso Nacional²⁴.

Esse episódio explicita como a fragmentação, a desinformação e, em alguma medida, o caos nos Estados-Nação são funcionais para a reprodução do capital rentista transnacional, o que nos ajuda a compreender, inclusive, a eleição de Bolsonaro em 2018. Porém, essa política de austeridade, agravada pela pandemia do Covid-19, piorou significativamente a vida da maioria da classe trabalhadora com aumento do desemprego, ampliação do endividamento das famílias e redução do poder de compra, aumento da pobreza com altos índices de insegurança alimentar, de pessoas morando nas ruas. Houve, ainda, uma piora nos serviços públicos, o que na prática gera uma grande instabilidade política e ajuda a compreender a derrota de Bolsonaro e os desafios do governo Lula 3.

É dentro desse quadro de tensões e conflitos que a cena do slam se desenvolve, protagonizada por aqueles que sofrem drasticamente com os efeitos do ultraliberalismo e das políticas de austeridade. São jovens, negras e negros, mulheres, LGBTQIAP+, moradores de bairros periféricos, com poucas oportunidade de acessar o mercado de trabalho formal, que muitas vezes encontram na cultura uma possibilidade de geração de renda e de uma carreira, que constrói suas narrativas poéticas relatando sobre o seu cotidiano, suas angústias, suas identidades, dilemas, das violências, sobre sua visão de mundo, ancestralidade, memória e sua percepção sobre a política.

Com base nisso, traremos trechos de poesias do livro *Cinco Ponto Zero*²⁵, do Slam da Guilhermina, que é composto pelas poesias das/os ganhadores das batalhas de poesia ao longo do ano de 2017. Correlacionaremos a leitura das poesias com a análise de conjuntura que fizemos até aqui. Finalmente, faremos uma análise da poesia “Baque na Molera – parte 3”, do poeta Lucas Afonso, publicada em seu livro *a última folha do caderno*, que traz aspectos

²³ *Big techs* são as grandes empresas que exercem domínio no mercado de tecnologia e inovação, como a Apple, o Google, a Amazon, a Microsoft e a Meta.

²⁴ Matéria do UOL sobre a contratação do Michel Temer pelo Google. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2023/07/01/google-contrata-michel-temer-para-reforçar-pressão-em-favor-da-empresa-no-congresso.htm>. Acessado em: 28 de julho de 2023.

²⁵ Ao final de um ciclo anual de competição, o Slam da Guilhermina organiza uma coletânea com as poesias recitadas pelos ganhadores de cada edição daquele período.

que consideramos importantes para compreender o período logo após a eleição de Bolsonaro na virada de 2018 para 2019.

1.2.1 A poesia entre em cena no cenário

Começamos nossa análise com trechos da poesia “Convoque seu Cristo”, de Daniel Carvalho, que venceu a edição de fevereiro de 2017 do Slam da Guilhermina. O texto faz uma dura crítica à narrativa da *ideologia salvacionista-messiânica*, que apresentamos acima, tecendo críticas à bancada evangélica e fazendo paralelos com a própria história contada de Jesus, além de trazer o seu entrelaçamento com a bancada bala (Ideologia da securitização).

A poesia cita personagens como Coronel Telhada, Marcos Feliciano e o episódio polêmico de quando este assumiu a presidência da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Federal. O autor cita líderes evangélicos como Valdomiro Santiago, RR Soares, Edir Macedo, Crivella, fala de Eduardo Cunha e traz o episódio de agressão do então deputado Jair Bolsonaro, que ofendeu a deputada Maria do Rosário dizendo que não merecia ser estuprada por ser feia.

[...] Dois mil anos atrás
Um peregrino faz Revolução
com palavras de paz
Hoje
com a bancada evangélica,
o amor ao próximo aqui jaz

Dois mil anos atrás
Disse Jesus ao bandido na cruz:
“hoje estarás comigo no paraíso”
“bandido bom é bandido morto”
é o crente Coronel Telhada, PM sujo e porco,
quem dá este aviso

Dois mil anos atrás
Cristo ofereceu libertação aos cativos
deu voz aos oprimidos
Marco Feliciano diz que
“direitos humanos são só para humanos direitos”
Se for assim, que todo direito a ele seja negado
pois, pastor enriquecer com dízimo está mais que errado

Dois mil anos atrás
Ele escolheu os mais humildes
para ser seus seguidores
Hoje
Valdomiro e RR Soares são impostores que
fazem “milagres” para ter mais dízimo de pobres trabalhadores

Dois mil anos atrás
 Disse Jesus ao jovem rico:
 “vai e doa aos pobres tudo o que tens”
 O evangélico Eduardo Cunha
 do dinheiro e da ganância virou refém

Dois mil anos atrás
 Cristo foi preso e torturado
 para nos livrar do mal
 O bispo Edir Macedo e o Crivella se sacrificam para aumentar seu capital
 Não me leve a mal, mas
 eu não sou – e jamais serei – Universal

Dois mil anos atrás
 Quem nunca pecou, que atire a primeira pedra
 Quem nunca pecou, que atire a primeira pedra
 Quem nunca pecou, que atire a primeira pedra
 Disse Jesus para salvar a mulher adúltera de um povo religioso e
 mercenário
 Bolsonaro diz que não estupraria
 Maria do Rosário por achá-la feia
 Nazista reacionário,
 você deveria estar na cadeia!

Ei, bancada da bala evangélica!
 Vocês acham que são filhos de Deus?
 Cidadãos de bem?
 Acham que estão além do bem e do mal?
 Vocês nada têm de espiritual! [...]
 (ALCALDE, 2018, p. 8 - 9)

Na edição de março de 2017 a vencedora foi a slammer Mariana Felix, e a sua primeira poesia apresentada tem o título de “Golpe”, uma alusão direta ao processo de impedimento que derrubou a Presidenta Dilma Rousseff. O texto traz várias reflexões, mas destacamos dois trechos em que aparece uma contraposição à ideologia *da meritocracia*. Nele a poeta apresenta a contradição de quem se diz contra o Bolsa Família mas sonega imposto, e também fala da melhora econômica que tirou milhões da pobreza, bem como do maior acesso à universidade, ambos financiados com impostos pagos pela maioria da classe trabalhadora.

Cansei de ser branda
 Dizer que faltou aula de História
 Sobra é ódio
 De quem diz que Bolsa Família
 É esmola
 Pra pobre vagabundo
 Enquanto as notas frias
 Das empresas bem sucedidas
 Pega o dinheiro que deveria

Ser de todo mundo [...]
 [...]
 Milhões fora da linha da miséria
 Adentraram faculdades
 Quiseram oportunidades
 Mas vocês não querem dividir a verba!
 Que saiu do meu salário
 Da minha mãe
 Do meu pai
 E todo mundo que está aqui sentado
 Parado, estacionado
 Aguardando a tragédia anunciada
 (ALCALDE, 2018, p. 20-21)

Ainda na poesia, Félix traça um paralelo entre o seu bairro de origem, Jardim Romano, extremo leste da capital, que sofre com enchentes, e a condição de privilégio de Eduardo Cunha e Michel Temer. Ela ainda relatou o caso da prisão injusta de Rafael Braga²⁶, catador de reciclados que foi preso durante as manifestações de junho de 2013 acusado de portar material explosivo, que na verdade era Pinho Sol. Braga foi condenado, ficou 5 anos preso e em 2017 foi para o regime domiciliar, seu caso se tornou um símbolo da luta contra a seletividade penal no país.

[...]
 Mariana, Jd. Romano
 Inundados de água e lama
 Não venha com essa que cada um deita onde fez a cama
 Se não pro Cunha e pro Temer
 Sobrava apenas o chão batido
 Mas quem dorme no lugar deles na cela
 É quem portava Pinho Sol e foi considerado bandido
 Marginal, manifestante
 Pedindo coisas sem sentido
 Traz seus tanques para rua!
 Estamos prontos para guerra!
 (ALCALDE, 2018, p. 20 - 21)

Em Abril o vencedor foi Rodrigo Ciríaco, sendo uma das suas poesias intitulada “Claudia”, que remonta ao episódio da auxiliar de serviços gerais Claudia da Silva Ferreira²⁷,

²⁶ Mais detalhes sobre o caso Rafael Braga estão disponíveis em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/06/20/simbolo-da-seletividade-penal-caso-rafael-braga-completa-cinco-anos/>. Acessado em: 29 de julho de 2023

²⁷ Mais detalhes sobre o episódio do assassinato da Claudia da Silva Ferreira estão disponíveis em: <https://mst.org.br/2020/03/17/apos-seis-anos-policiais-acusados-do-assassinato-de-claudia-ferreira-ainda-nao-foram-julgados-ou-punidos/>. Acessado em: 29 de julho de 2023.

baleada com dois tiros enquanto ia comprar pão para a família. Seu corpo foi jogado no portamalas de uma viatura da PM, até que a porta abriu e a mulher de 38 anos ficou pendurada pela roupa no para-choque. Ela foi arrastada por 300 metros. A ação da polícia ocorreu no dia 16 de março de 2014, no Morro da Congonha, em Madureira, um bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro. Vejamos um trecho da poesia escrita de forma corrida, sem estrofes:

Rio 40° graus. A planta dos pés descalços não suporta segundos. O toque dos dedos não suporta segundos. A palma das mãos, o braço, a barriga. As costas. Escolha a parte que for, não suportam segundos encostados sobre o asfalto quente de manhã de verão no Rio de Janeiro. O asfalto no suporta: derrete. Mas os olhos suportam. Os olhos suportam ver. Ao vídeo que denuncia: a crueldade travestida em farda. Cinza como a morte. Que chega sem ser anunciada. Grita e dispara, pela boca do fuzil. Um, dias, três, quatro balas. Duas acertam em cheio, o peito e o pescoço. Mais uma favelada morta. Claudia. Seu crime? Nascer negra. Sua ofensa? Ser pobre. Sua acusação? Portar 4 armas: um copo de café e três notas de dois reais. Seis reais. Três para o pão e três para a mortadela, disseram [...].
(ALCALDE, 2018, p. 41)

Gabi Nyarai foi a vencedora da edição especial da Virada Cultural em maio. Em uma de suas poesias, intitulada “cadê o ministro”, a slammer faz uma crítica contundente das precariedades da escola pública. Ela questiona a estrutura das escolas, que parecem prisão, questiona o currículo com uma ausência de diversidade nos temas da sala de aula, das dificuldades e baixos salários dos professores. Apesar de não falar diretamente sobre o episódio, o conteúdo do texto remete às reivindicações dos estudantes que ocuparam as escolas públicas de São Paulo, no final de 2015, contra as medidas de fechamento de escolas na gestão do então Governador Geraldo Alckmin²⁸.

[...] Esse ensino de graça tá me saindo caro, povo brasileiro sendo
feito de otário
sala de aula parece uma jaula, cada um no seu mundinho e
ninguém aprende nada
E o professor tentando explicar, com aperto no coração
sabendo onde isso vai dar
recebendo uma miséria como fruto do seu trabalho, quem
desvia verba se torna milionário
aí ministro eu vou tá te questionando, onde é que voê tava
quando os professores tava apanhando??????
Cadê o ministro da educação pra poder encher escola esvaziar
a prisão
Cadê o ministro da educação, se as crianças aqui morre pegando
num oitão

²⁸ Saiba mais sobre esse episódio em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/escolas-ocupadas/noticia/2015/12/ocupacoes-atos-e-polemicas-veja-historico-da-reorganizacao-escolar.html>. Acessado em: 29 de julho de 2023.

(ALCALDE, 2018, p. 48-49)

Queremos concluir essa análise do livro “Cinco Ponto Zero” com trechos da poesia “sobre 13 de maio”, do slammer Clayton Mendes, que ganhou a edição de julho e foi o campeão do ano de 2017. No capítulo 2 do nosso trabalho também analisamos a poesia “Eu não queria ser feminista”, de Tawane Theodoro, que também compõe o livro.

Voltando à poesia de Mendes, ela aborda uma temática também bastante comum nas poesias apresentadas nas batalhas de slam, que é a questão racial. Ela aparece às vezes como valorização da cultura e identidade negra, exaltação a figuras históricas, diálogo com as religiões de matriz africana, mas também como denúncia do racismo e da violência. Isso também ocorre com outras temáticas, como de gênero e LGBTQIAP+.

Na poesia “sobre 13 de maio”, o slammer constrói uma interlocução entre a abolição da escravatura e a violência urbana que extermina jovens negros e periféricos. Entre outros episódios de violência, ele relembra os 111 tiros disparados por policiais que mataram cinco jovens em Costa Barros, no Subúrbio do Rio de Janeiro²⁹ e finaliza a poesia com otimismo e exaltando a figura de Zumbi dos Palmares.

Enquanto Princesa Isabel for vista como heroína
 Bala perdida se acha no peito de quem tem mais melanina
 Até quando? Até quando?
 Até quando minhas rimas e poesias serão tragédias?
 [...]
 O que chamam de redução eu chamo de genocídio
 Levaram méritos na operação os policiais que sem dó dispararam 111 tiros
 O foda é que a mídia a TV aliena, e os próprios irmãos condena
 Não vê que a educação tá falida, tem mãe chorando
 Sistema suicida a mais de 500 anos
 13 de maio não teve celebração
 Estamos no século 21 e ainda não via abolição
 “Amarra no poste”
 “Morte pra aquele negão que roubou em pote de margarina”
 Enquanto isso, outros passam ilesos com helicóptero, avião
 cheio de cocaína
 [...]
 Mas apesar de tudo, ainda vejo esperança no fim do túnel
 Pretos e pretas ocupando universidades ao invés de túmulos
 E pode pá, das correntes eurocêtricas já estamos a nos libertar
 Os Borba Gato vamos capturar
 E quando menos esperar
 Nós, os pretos que vocês não conseguiram matar
 Vão revolucionar!!!
 E sim ter herdeiro de Zumbi em todos os lugares
 Mas só pra tu saber
 O Zumbi que eu to falando não é do *The Walking Dead*

²⁹ Saiba mais sobre esse episódio em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/12/mais-de-100-tiros-foram-disparados-por-pms-envolvidos-em-mortes-no-rio.html>. Acessado em: 29 de julho de 2023.

É Zumbi dos Palmares
(ALCALDE, 2018, p. 66-67)

O trabalho dos organizadores do Slam da Guilhermina de publicar as poesias dos vencedores de cada edição de todos os anos é algo primoroso e essencial para a preservação da memória e possibilita que pesquisadores possam fazer exercícios analíticos como o que nos propusemos a fazer. Escolhemos uma amostra do livro de 2017 por ser o ano de forte expansão do slam, como apontamos anteriormente, mas o mesmo exercício analítico poderia ser feito com os livros dos outros anos, ou mesmo com outras variáveis analíticas, como por exemplo a Coleção Slam da editora Autonomia Literária³⁰, organizada por Emerson Alcalde, slammaster do Slam da Guilhermina, que reúne poetas a partir de temáticas como negritude, empoderamento feminino, protagonismo juvenil, antifa, LGBTQIA+ e luta de classes.

Nosso objetivo principal é demonstrar a ressonância entre o cenário político, econômico e social com a poesia que reverbera na cena do slam, corroborando com a ideia de uma elaboração intelectual que repercute em um espaço de sociabilidade. Para concluir essa análise, trouxemos o poema “Baque na molera – parte 3”, do poeta Lucas Afonso, campeão do Slam Brasil 2015 e semifinalista na Copa do Mundo de Poesias – 2016, na França, representando o Brasil, autor do livro “a última folha do caderno”, publicado em 2019.

Vale relembrar que na batalha de slam o slammer não pode ultrapassar os 3 minutos em sua performance, portanto as poesias são inscritas para caber dentro desse tempo. Quando o texto é muito longo o competidor costuma declamar em um ritmo mais rápido. Mas o que queremos destacar é a capacidade de síntese, de conseguir captar um momento da conjuntura do país e reelaborar isso em versos e condensar tudo em 3 minutos. Isso é o que mais impressiona nesse texto do Afonso.

Com um tom de ironia mas, ao mesmo tempo, com muita contundência, o autor vai narrando fatos históricos, as ideologias de extrema direita e vai dialogando com a militância de esquerda. O cenário é o ano de 2019, primeiro do Governo Bolsonaro, momento de ascensão da extrema direita, a esquerda derrotada nas eleições, Lula preso, o programa de austeridade a pleno vapor e a piora significativa dos índices sociais.

Afonso abre a poesia já com uma frase emblemática do então candidato a Governador de São Paulo João Dória que, querendo surfar na onda do Bolsonarismo no segundo turno das eleições paulistas de 2018, afirmou em entrevista que “a partir de janeiro, polícia vai atirar para

³⁰ Disponível em: <https://autonomialiteraria.com.br/loja/poesia/slam-luta-de-classes/>. Acessado em: 29 de julho de 2023.

matar”³¹. Depois a poesia segue fazendo um convite para organização popular e na sequência faz uma ironia com o lema de Bolsonaro “Brasil acima de todos, deus acima de tudo” e sua estreita relação com os Estados Unidos. Ela traz temas da soberania nacional com a Amazônia e o Pré-sal e lembra a decisão do governo de deixar de exigir o visto de turismo para norte-americanos visitarem o Brasil, mesmo sem reciprocidade. Também trata da ausência de propostas e presenças nos debates nas eleições de 2018 por parte de Bolsonaro e dispara mais uma ironia com os envergonhados de terem votado em Bolsonaro declarando que votaram no Amoêdo, do partido Novo, que teve apenas 2,5% dos votos na eleição³².

Eles já avisaram:
Vão atirar para matar!
E a gente sabe onde a bala perdida
vai se encontrar

É tempo de tá junto,
de se organizar;
trocar ideia com vizinho,
não só pelo celular.

Brasil acima de todos?
Difícil de acreditar!
Amazônia e pré-sal são nossos,
por que querem entregar?

Porta aberta pro Tio Sam
Lá nós não pode pisar.
Continência?
Nem pra copo americano no bar.

Não apareceu nos debates,
não apresentou proposta,
e o povo que confiou
tá esperando resposta.

E ainda tem quem posta
e defende sem medo,
mas a maioria tá falando
que votou no Amoêdo.
(AFONSO, 2019, p. 38)

A poesia relembra o episódio da prisão de Ronnie Lessa, acusado de ser o executor da morte da Vereadora Marielle Franco. O autor aponta que o acusado possui vínculos com as milícias do Rio de Janeiro e, em sua casa, que fica no mesmo condomínio onde Jair Bolsonaro morava antes de ser eleito, foi encontrado um arsenal de armas. O texto ainda articula a

³¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/a-partir-de-janeiro-policia-vai-atirar-para-matar-afirma-joao-doria.shtml>. Acessado em: 31 de julho de 2023.

³² Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/raio-x/presidente-1-turno/resultado-das-eleicoes-para-presidente-considerando-os-votos-validos/?uf=sp>. Acessado em: 31 de julho de 2023.

contradição entre o discurso de defesa da família, da igreja, do universo cristão com a defesa de grupos de extermínio e práticas violentas.

Hoje acordei mais cedo
e me assustei com a notícia:
Quem matou a Marielle
faz parte de uma milícia!

Acharam muito fuzil,
é perigosa essa gente!
Só não era favelado,
era vizinho do presidente

Coincidência, né?
Desagradável.
Aí lembrei que alguém falou
que até era favorável.

Defensor da família
que na igreja tá indo,
disse que o grupo de extermínio
lá no Rio era bem-vindo.

E se diz cristão...
Então, cuidado Jesus,
se for voltar vão te mandar para Cuba,
ou pra outra cruz.

Tá faltando luz.
Vê se presta atenção!
Tá complicado pra esse papo aí
de repartir o pão.
(AFONSO, 2019, p. 38- 39)

Afonso trouxe um episódio envolvendo o então Ministro da Educação, Abraham Weintraub, que em entrevista concedida à TV Paranaíba, que foi ao ar no dia 2 de setembro, reafirmou a intenção do governo de diminuir os recursos para a área de Filosofia, para investir na educação básica. Vejamos um trecho da declaração de Weintraub extraída de matéria publicada no site da Revista Carta Capital:

“Se você [governo] paga uma Faculdade de Filosofia que vai custar uma fortuna, 600, 700 mil reais pra depois o bonitinho fazer artesanato de epóxi, cachimbo de duende e vender na calçada, ele que pague. Com esse dinheiro, 90 mil reais, eu boto 20 crianças numa ótima pré-escola”.³³

³³ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/associacao-de-filosofia-repudia-weintraub-por-cortar-recursos-da-area/>. Acessado em: 31 de julho de 2023.

O poeta, na sequência, também lembrou do escândalo da oferta, por parte do governo, de 40 milhões em emendas parlamentares para os deputados aprovarem a Reforma da Previdência no Congresso³⁴.

Céu de anil,
mas o tempo tá sombrio.
Cortaram os gastos
na educação de todo o Brasil.

E não é só poesia.
Eu tô falando a verdade:
“Quer fazer filosofia?
Então paga a faculdade”

Que frase mais sem noção!
Vê bem como as coisas são:
Esse é a mentalidade do
ministro da Educação.

Nos querem chucro, burro,
mas aqui tem consciência.
Sabemos dos esqueminhas
da reforma da previdência.

40 milhões
pra cada deputado?
Cadê a turma que disse:
“Nóis tira se dar errado?”

Eu avisei
e não é querendo pagar de esperto,
mas cadê a turma
do tem de torcer pra dar certo?
(AFONSO, 2019, p. 39- 40)

Em seguida vem o trágico episódio em que militares fuzilaram com mais 80 tiros um carro com uma família dentro, no Rio de Janeiro, que matou o músico Evaldo dos Santos Rosa³⁵, não havendo nenhuma declaração de Bolsonaro enquanto, no mesmo mês, ele manifestou solidariedade ao comediante e apresentador Danilo Gentili, que foi condenado por injúria à Deputada Maria do Rosário³⁶. O slammer ainda traz as *fake news* bolsonaristas do “kit

³⁴ Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2019/04/24/oferta-de-r-40-milhoes-para-aprovar-reforma-e-criminosa-diz-olimpio.htm>. Acessado em: 31 de julho de 2023.

³⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/08/dez-militares-sao-presos-apos-acao-do-exercito-que-fuzilou-carro-de-familia-no-rio-com-80-tiros.ghtml>. Acessado em: 31 de julho de 2023.

³⁶ Disponível em: <https://opopular.com.br/politica/bolsonaro-se-solidariza-com-danilo-gentili-apos-condenacao-por-injuria-contraria-maria-do-rosario-1.1773901>. Acessado em: 31 de julho de 2023.

gay” e da “mamadeira de piroca”, que atacam o programa de educação de gênero e sexualidade nas escolas.

Não é parcelado,
meu verso vem à vista.
É lamentável
o Brasil ter um governante racista.

Eu falo mesmo,
e depois dessa vão querer que ele me exile:
80 tiros ele se cala;
é solidário com Gentili.

Bagulho tá loko!
Como viver em paz?
Diz que ditadura matou pouco,
era pra ter matado mais?

Como que nosso país
elegeu um novo Hitler,
que não faz nada pro povo,
só fala merda no Twitter.

Com campanha baseada
em mentira e fofoca
fake nem do kit gay
à mamadeira de piroca.

E tem quem acredita
e dá o voto na bandeja.
Cuidado com homem de bem
que vende ódio na igreja.
(AFONSO, 2019, p. 40)

O texto abre uma janela importante, que é o armamento civil estimulado no governo Bolsonaro e o massacre ocorrido em uma Escola Pública na cidade de Suzano³⁷, na região metropolitana da capital paulista. Lucas Afonso ainda cita o desmonte do Minha Casa, Minha Vida, o aumento do desemprego e ainda ironiza que diante de tanto problemas o governo se preocupou em acabar com o horário de verão. O texto finaliza ironizando com uma declaração do próprio Bolsonaro dizendo que “eu não nasci para ser presidente, e sim militar”.³⁸

A gente quer se amar,
Eles “que tá” se armando.
Depois do tiros não adianta
hashtag por Suzano

Não respeita a dor do outro.

³⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/tiros-deixam-feridos-em-escola-de-suzano.ghtml>. Acessado em: 31 de julho de 2023.

³⁸ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/nao-nasci-para-ser-presidente-e-sim-militar-diz-bolsonaro/>. Acessado em: 31 de julho de 2023.

Quer manchete e quer destaque.
Sério que professor armado
evitaria o massacre?

Não faz sentido!
Tanta coisa carecendo atenção,
recorde de desemprego
Eles fazem arma com a mão!

Tempo de crise,
não se sabe quais problemas virão.
Prioridades!
Vão mexer é no horário de verão.

E saúde e moradia?
Isso sim que é uma ferida!
E pra ajudar querem acabar
com Minha casa Minha vida.

A conta não é nossa.
Por que nós que tem de pagar?
Cobra dos Bancos
e vê se deixa o povo se aposentar.

Vamos à luta,
que futuro se constrói no presente.
Se teve fruta
é porque um dia alguém plantou a semente

Vê se escuta,
com um frase eu concordo plenamente:
Filho de Ustra,
você não nasceu pra ser presidente!
(AFONSO, 2019, p. 41)

A poesia de Lucas Afonso é uma elaboração construída no calor dos acontecimentos, um retrato de debates latentes em que a sociedade brasileira estava inserida. Interessante notar que ele perpassa as três ideologias narrativas que reorganizam a Direita no país, propostas por Oliveira: a *ideologia meritocrática*, com a declaração do Ministro da Educação propondo a restrição de recursos para cursos de Filosofia; a *ideologia da securitização*, que perpassa os vários episódios de violência das milícias, da polícia, do exército, do armamento civil, dos massacres; e a interlocução com a *ideologia salvacionista-messiânica*, com o discurso de defesa da pátria, da família, de valores cristãos, sempre trazendo os elementos sociais como o desmonte dos serviços públicos e a piora das condições econômicas. Chama a atenção como o poeta vai concatenando os fatos de uma forma poética, com uma linguagem simples e bastante irônica. O texto é analítico, mas também traz a contundência de uma denúncia, de um desabafo.

Assim, encerramos nosso primeiro capítulo trazendo um pouco da trajetória da formação da cena do slam e uma análise do cenário político, econômico e social em que essa ação cultural se expande no país. Por fim, fizemos o exercício de análise de poesias que

demonstra a ressonância entre o cenário e a cena, a capacidade dos poetas periféricos de construir análises complexas sobre a realidade vivenciada, o que revela, de alguma forma, a possibilidade política contra hegemônica dessa expressão cultural. No próximo capítulo avançaremos na compreensão de que são as sujeitas e os sujeitos que organizam o Slam da Guilhermina e um pouco da trajetória de três slammers que atuam na cena do slam.

CAPÍTULO 2: AS SUJEITAS E OS SUJEITOS

Até aqui fizemos uma panorama sobre a cena do slam no Brasil e o contexto histórico-político em que ela se desenvolveu, além das reverberações do seu discurso. Neste momento, queremos avançar na compreensão das sujeitas e dos sujeitos que protagonizam essa ação política-cultural que nos propusemos a estudar, que é o Slam da Guilhermina. Partimos de uma caracterização dos organizadores chamados *slammasters*, passamos por uma compreensão de quem são as/os poetisas competidoras denominadas/os *slammers* e também trazemos algumas percepções do público frequentador.

2.1 QUEM ORGANIZA ESSE ROLÊ?

Como já dissemos, os organizadores do slam são denominados *slammasters*. Eles não podem competir no slam que eles organizam e durante a atividade eles têm funções bem definidas. Um fica destacado para ser o matemático, que vai controlar o tempo, lembrando que cada performance não deve ultrapassar os 3 minutos e a cada 10 segundo a mais a/o Slammer perde meio ponto. A outra função do matemático é registrar as notas, calcular e anunciar quem passou de fase até ser consagrado a/o vencedora/or daquela edição. Geralmente são 3 rodadas, mas pode haver uma quarta para desempate. No Slam da Guilhermina o matemático é sempre o Ulian Chapéu.

Os outros dois *slammasters* são responsáveis por cerimoniar a atividade. Elas/es escolhem as/os 5 juradas e jurados, fazem o sorteio e a chamada do próximo que vai se apresentar e, antes de começar uma nova performance, puxam o grito “123!”. O público responde: “SLAM DA GUILHERMINA!”. No final de cada apresentação também fazem o anúncio das notas. Quem cumpre esse papel no Slam da Guilhermina são o Emerson Alcalde e a Cristina Assunção.

A dinâmica é muito simples e fácil de ser replicada, mas o papel dos organizadores vai muito além do dia do encontro, que ocorre sempre na última sexta-feira de cada mês. Elas/es são responsáveis por guardar a memória do slam, registram em vídeos poemas, livros com os campeões de cada edição no ano, correm atrás de políticas públicas para financiar suas atividades como o VAI, Lei de Fomento das Periferias, Emendas Parlamentares, fazem

palestras, formações, apresentação do Slam em outros lugares, além de organizarem o Slam Interescolar, que no ano de 2023 chegou em 330 escolas.

A sistematização proposta por Tiaraju Pablo D’Andrea das cinco premissas básicas de constituição de *sujeitas e sujeitos periféricos*³⁹ nos parece bastante apropriada para definir o papel dos organizadores do Slam da Guilhermina. Elas são: *assujeitamento, subjetividade, códigos culturais compartilhados, consciência de pertencimento e agir político*. Vamos destrinchar cada um desses pontos dialogando com a trajetória dos organizadores do Slam da Guilhermina.

O *assujeitamento*, para D’Andrea, é o entrelaçamento das condições e situações sociais e históricas em que estão submetidos *sujeitas e sujeitos periféricos* independente da sua vontade⁴⁰. Entre os organizadores do Slam da Guilhermina, Uilian Chapéu nasceu e mora até hoje em Ermelino Matarazzo, enquanto Emerson Alcalde nasceu no Cangaíba, atualmente morando em Artur Alvim na Cohab 1 e Cristina Assunção nasceu no Jardim Samara, hoje também morando na Cohab 1⁴¹.

Portanto, os três se constituíram e vivem em bairros periféricos da zona leste da cidade de São Paulo e estão submetidos a determinadas condições geográficas, sociais e históricas que produzem o segundo elemento elencado por D’Andrea, que são as *subjetividades* produzidas por essa condição. Os três organizadores são pessoas negras, oriundas da classe trabalhadora e passaram pelo ensino público, entre outros elementos que atravessam suas formações.

A terceira premissa são os *códigos culturais compartilhados*. Neste ponto podemos usar o poema manifesto do Slam da Guilhermina, declamado sempre na abertura do evento. Ele traz um conjunto de códigos reelaborados como “Guilhermanos” e “Guilherminas”, rementendo à gíria *manos e minas*, muito utilizada nas periferias de São Paulo. Vejamos o poema a seguir.

Guilhermanos, Guilherminas,
 Guilhermanos, Guilherminas,
 Quem vencer esta noite será nomeado slampião ou slampiã.
 porém, não levará para casa a Maria Bonita
 Vem, pode se chegar,
 sobre a luz da lamparina

³⁹ D’ANDREA, Tiaraju Pablo. **A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos**: cultura e política na periferia de São Paulo. 1 ed. São Paulo: Editora Dandara. 2022.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 225.

⁴¹ Vale destacar que Cristina Assunção e Emerson Alcalde são casados.

Celebrando a poesia
 No slam mais roots da América Latina,
 Ocupando a praça,
 Muito além da fumaça
 Não duvide da fé
 Pois, Guilhermina É, Esperança
 Somos o bando do Lampião
 E o nosso cangaço é
 Cangaíba nosso pedaço
 Ermelino Matarazzo
 Da Guilhermina a São Bento
 É só Questão de Tempo
 Somos o bando do Lampião
 Praticando Slam como num rachão de domingo
 Mais pra gente também é balada
 Resistência
 Celebração
 Convívio
 Guilhermanos, Guilherminas,
 Guilhermanos, Guilherminas,⁴²

Interessante notar a construção dos jogos de palavras que vão construindo códigos como por exemplo o uso do símbolo do Slam da Guilhermina que é lamparina/lampião, com os vencedores da competição que são Slampião ou Slampiã, com o Lampião, icônico personagem da história do sertão nordestino, mostrando um laço entre esses periféricos paulistanos com o nordeste.



Figura 3 – Logo do Slam da Guilhermina.

Voltando ao hino, também aparecem em destaque os bairros de origem dos organizadores e onde construíram trabalhos culturais anteriores, como Cangaíba e Ermelino

⁴² Disponível em Slam da Guilhermina 1.0 (CD Completo): https://www.youtube.com/watch?v=hLN9Pk9ti_U. Acessado em: 18 de agosto de 2023.

Matarazzo. O trecho “Da Guilhermina a São Bento/ É só questão de tempo” constrói uma linha direta entre o Slam e a cultura Hip Hop que surgiu em São Paulo no Largo São Bento, centro da capital paulista, na década de 1980. Por fim, o texto traz a referência do futebol de várzea no trecho “Praticando Slam como num rachão de domingo”.

As premissas *consciência de pertencimento* e *agir político* podem ser verificadas pela própria trajetória dos organizadores. No livro “Cultura ZL: rede de Coletivos Ermelino Matarazzo”, organizado pelo Emerson Alcalde no texto “Rádio Filó- juventude ativa”, Uílian Chapéu conta um pouco da sua trajetória na construção da Rádio Filó, uma rádio comunitária que começou apenas para os estudantes da Escola Estadual Condessa Filomena Matarazzo, mais que por um período chegou a ter uma frequência na rádio FM.

Em entrevista para esta pesquisa, Uílian explicou como esse trabalho, que teve início quando ainda era estudante do Ensino Médio, no início dos anos 2000, foi o início da sua trajetória como produtor cultural. Depois, com o apoio do Programa VAI⁴³, ele realizou um grande evento cultural na região de Ermelino, organizou o Cultura na Praça e participou ativamente do Movimento Cultura ZL, que lutou pela Casa de Cultura de Ermelino Matarazzo. Esse movimento culminou com a Ocupação Cultural Mateus Santos e também conquistou a reabertura do Teatro Flávio Império⁴⁴, no Cangaíba. É na articulação do Cultura ZL que Chapéu e Emerson se aproximam e posteriormente se juntam para organizar o Slam da Guilhermina.

No livro *Nos corre da poesia: autobiografia de um slammer*, publicado em 2022, Emerson Alcalde conta a sua trajetória desde o seu nascimento, suas primeiras lembranças até chegar nos dias atuais. Nesse percurso Alcalde relata suas experiências culturais que se iniciam no Hip Hop, passam pelo teatro, pelos Saraus até chegar nos Slam. No capítulo “Articulação”, Alcalde afirma que sua militância cultural começou no teatro do bairro: “um certo domingo vi um grupo de jovens tocando instrumentos e entregando panfletos informativos, denunciando o descaso do poder público. Entrei no meio [...] era o cortejo SOS Flávio Império” (ALCALDE, 2022, p.118).

Na sequência, Alcalde traz a sua experiência em uma ação da Rede Livre Leste:

A primeira ação da Rede Livre Leste foi um cortejo pelas ruas da Vila Itaim até o Jardim Romano, que estava submerso devido às enchentes. A nossa intenção era informar os

⁴³ Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais da Secretaria de Cultura da Prefeitura da Cidade de São Paulo, resultado da luta de movimentos de cultura e juventude. Foi instituído na gestão da então prefeita Marta Suplicy, em 2003, contribuindo com o desenvolvimento de diversas iniciativas culturais nas periferias de São Paulo.

⁴⁴ O Teatro foi inaugurado em 1992 pela gestão da então prefeita de São Paulo, Luiza Erundina, gestão marcada por uma forte participação popular e iniciativas nas periferias, entre elas equipamentos culturais.

moradores que se não se mobilizassem, perderiam suas casas, pois o bairro estava sob o olhar de grandes empreiteiras e não era somente pela forte chuva que o bairro se encontrava desse jeito e sim pelo intencional e criminoso fechamento das barragens. Eles queriam deixar evidente que aquela região não tinha condições de ter moradias, de fato é uma região de manancial, mas não havia nenhum projeto habitacional para a desapropriação digna dos moradores. O plano era construir o maior parque linear do mundo.

Estávamos no meio do trajeto quando caiu a chuva, em questão de minutos o nível subiu chegando até nossas canelas e depois nos joelhos. Foi bem desesperador. com sacolas plásticas tentávamos proteger nossos pés. Cachorros e crianças se equilibravam nas muretas e ratos passavam ao nosso lado. O barulho dos trovões deixava o clima ainda mais sombrio, mas de forma alguma cessaríamos o nosso ato. O pessoal do circo fez a intervenção de pernas-de-pau. Entramos nas casas das pessoas tirando fotos dos estragos e a rapa do audiovisual entrevistava os moradores. (ALCALDE, 2022, p. 119).

Esse depoimento de Alcalde demonstra na prática a interlocução entre o *pertencimento*, a tomada de *consciência* que a cultura produz e o *agir político* para tentar transformar a realidade. Obviamente isso não é um processo linear, ou mesmo automático, mas iniciativas culturais se abrem como uma possibilidade, como uma tecnologia social, uma janela que não pode ser ignorada.

Em entrevista concedida para esta pesquisa, Cristina Assunção apresentou um pouco de sua trajetória que se inicia na militância no movimento estudantil, no curso de História da Fundação Santo André, onde conseguiu elaborar suas percepções do que havia aprendido dentro de casa sendo filha de um metalúrgico, atuante na base do Sindicato do Metalúrgicos do ABC, se consolidando como uma militante de esquerda. Mas é no seu bairro, Jardim Samara, acompanhando a trajetória e posteriormente integrando o grupo de Teatro Dolores Boca Aberta, instalado na ocupação CDC Vento Leste, que Assunção estreita sua relação com a cultura e se conecta com a cena da cultura periférica. Como professora de história, Assunção também teve um papel fundamental para dar o pontapé inicial para o Slam Interescolar, sendo a escola que lecionava na época um importante laboratório.

O Slam da Guilhermina teve a sua primeira edição em fevereiro de 2012 e se consagrou como o primeiro slam de Rua do país, em sua fundação, como relata o Alcalde em sua obra. Também participaram Vander Che e Carla Soares, oriundos do Cultura ZL. Mas o coletivo se consolidou nos três organizadores que permanecem até hoje que são: Uílían Chapéu, Emerson Alcalde e Cristina Assunção.

Dentre eles o único poeta é o Emerson Alcalde, mas, como exposto, todos têm uma trajetória que entrelaça a cultura e a política. Desde sua origem o Slam da Guilhermina tem

uma intencionalidade que extrapola a dimensão da cultura pela cultura, portanto, para além da questão estética está posta uma dimensão política, com relata Alcalde no capítulo “Pedra Fundamental”:

Numa reunião do Cultura ZL, na comunidade Santa Inês, relatei que tinha encontrado um local, porém não ficava em Ermelino, para a realização do evento literário que fosse um ponto de encontro das pautas políticas e de descontração com o Sarau do Binho. (ALCALDE, 2022, p. 162).

Ou seja, mesmo antes de definir que seria um Slam o evento literário proposto, a dimensão das pautas políticas estava posta e conectada com outras experiências culturais periféricas como o Sarau do Binho⁴⁵. Outro aspecto destacado por Alcalde é que na primeira edição o Vander Che estendeu uma bandeira do MST na árvore da praça, onde ocorre o Slam da Guilhermina até hoje.

Nesse sentido, compreendemos que os organizadores do Slam da Guilhermina são *Sujeitas e Sujeitos Periféricos*, como proposto por D’Andrea, pois se deslocam da sua condição de *periféricos em si* para uma tomada de consciência que os tornam *periféricos para si*, transitam do estigma para o orgulho de serem periféricos e produzem uma ação política-cultural a partir das periferias (D’Andrea, 2022, p. 229-230).

2.1.1 Slam da Guilhermina como um grupo específico

Outra dimensão que consideramos fundamental é a compreensão da formação da sociedade brasileira tendo como fator primordial na divisão de classes o componente racial, em que a dominação e exploração não se deu apenas a partir de aspectos objetivos como a escravidão, mas também a partir de aspectos subjetivos, como a diferenciação racial. Para Clóvis Moura, em uma sociedade em que os elementos detentores do poder se julgam brancos e defendem o branqueamento, o negro só poderá sobreviver social e culturalmente, sem se marginalizar por completo, se agrupando assim como fez para se contrapor à escravidão⁴⁶.

Nesse sentido, Moura vai identificar no associativismo, na formação de grupos culturais como (Escolas de Samba, candomblés, imprensa negra, clubes negros, dentre várias outras expressões) como possibilidade de espaços de consciência e contraposição à estrutura

⁴⁵ O Sarau do Binho nasceu em 2004 e junto com a Cooperifa conformam a primeira geração do que se tornaria a cena dos Saraus Periféricos. O evento, que começou no Bar do Binho e da Suzi na região do Campo Limpo, hoje ocorre uma vez por mês no Espaço Clariô em Taboão da Serra, cidade da região metropolitana de São Paulo.

⁴⁶ MOURA, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2019. p. 152.

social posta, portanto, uma transição da condição de grupos diferenciados pela sua posição de classe, para a condição de grupo específico consciente e atuante para se contrapor à sua condição de inferioridade:

Por esse motivo, o negro somente se sente específico porque é diferenciado inicialmente pelas classes e grupos sociais brancos fato que o leva a procurar organizar-se e elaborar uma subideologia capaz de manter a consciência e a coerção em vários níveis. (MOURA, 2019, p. 152-153).

O processo de consciência, como nos alerta Moura, possui diversos níveis e aspirações que vão desde uma ruptura sistêmica até um processo de integração no conjunto da sociedade. Porém, a classe dominante sempre enxerga essa organização como uma ameaça e atua para a sua deslegitimação ou mesmo cooptação, podendo um grupo específico regredir para a condição apenas de diferenciado (MOURA, 2019, p. 155). Isso demonstra que trata-se de um processo dinâmico e de intensa disputa, como veremos a seguir.

No capítulo anterior trouxemos alguns aspectos políticos, econômicos e sociais da conjuntura recente do país e as narrativas ideológicas da extrema direita, mas também identificamos que existem outras narrativas ideológicas dos grupos dominantes, com um verniz progressista, que valoriza a diversidade, consideramos relevante para compreender esse setor a categoria “neoliberalismo progressista” proposta por Nancy Fraser:

O programa neoliberal progressista para uma ordem “mais justa” não visava abolir a hierarquia social, mas “diversificá-la”, “empoderar” mulheres “talentosas”, pessoas de cor e minorias sexuais para que chegassem ao topo. Esse ideal é inerentemente específico a uma classe, voltado para garantir que indivíduos “merecedores” de “grupos sub-representados” possam alcançar posições e estar em pé de igualdade com os homens brancos e heterossexuais de sua própria classe. (FRASER, 2020, p. 42).

A autora está analisando a conjuntura dos Estados Unidos anterior à eleição do Donald Trump, e nela identifica um bloco hegemônico que se ancora na aliança entre uma agenda econômica neoliberal e uma ampliação da diversidade e representação desse bloco sem mudanças estruturais distributivas. Com a grave crise econômica de 2008 e a piora da condição de vida de uma parcela significativa da população, abre-se espaço para a tentativa de formação de um novo bloco hegemônico de contraponto com o discurso de ataque a esses setores, o trumpismo.

No Brasil também percebemos uma disputa de hegemonia nos blocos dominantes. De um lado o agronegócio predatório devastador em aliança com milícias e setores religiosos conservadores, e do outro um agronegócio “consciente”, empresas com políticas de “diversidade” nos cargos de chefia, aplicação da agenda ESG, sigla em inglês que representa governança, responsabilidade social e ambiental.

Do ponto de vista cultural, o grande representante desse bloco é o grupo Globo, que nos últimos anos está em um intenso processo de implantação da diversidade em sua programação, seja nas novelas, reality shows, programas de entretenimento e mesmo no jornalismo.

Interessante notar algumas campanhas de disputa ideológicas como “O Agro é Tech, o Agro é Pop, o Agro é Tudo”⁴⁷, de valorização do agronegócio nessa perspectiva não “predatória”. Também há o “Movimento LED Luz na Educação”⁴⁸, que premia experiências de inovação no campo da educação, tratando boas práticas como excepcionalidades que devem ser valorizadas em detrimento de uma disputa por políticas públicas que melhorem de conjunto a educação do país.

Não tem como negar o impacto social de ter a maior empresa de comunicação do país disputando diariamente a agenda da representatividade, da diversidade, o quanto isso amplia o debate sobre o racismo, o machismo, a LGBTQfobia. A valorização estética e simbólica seduz, inclusive, parcelas dos movimentos sociais e culturais. Porém, como aponta Fraser, essa agenda tem um limite, pois sua acomodação está ancorada numa perspectiva econômica neoliberal, ou seja, restritiva, e não redistributiva⁴⁹. Não por um acaso, o grupo Globo apoiou abertamente todas as agendas de austeridade e reformas promovidas por Temer e Bolsonaro na história recente.

Como o Brasil é formado por uma maioria de pessoas negras⁵⁰, apenas a representação ou ocupação de determinados cargos não altera a condição social de uma parcela significativa da população, mantendo altos índices de desigualdades e exclusão. Isso exige do bloco hegemônico mediações com políticas sociais de assistência ou mesmo incutindo no seio da população ideais e valores a partir de uma perspectiva individualizada como, por exemplo, o estímulo de alternativas econômicas como o empreendedorismo, como uma das poucas saídas para algum nível de integração ou ascensão social.

Diante desse quadro, voltando a Moura, as condições para formação de grupos específicos é bastante complexa e atravessada por essas contradições, mediações e disputas expostas até aqui. É nesse contexto que consideramos o Slam da Guilhermina um grupo específico, pois parte da condição de *diferenciados* por ser protagonizado por pessoas negras,

⁴⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/video/entenda-a-campanha-agro-e-tech-agro-e-pop-agro-e-tudo-5343997.ghtml>. Acessado em: 07 de agosto de 2023.

⁴⁸ Disponível em: <https://somos.globo.com/movimento-led-luz-na-educacao/>. Acessado em: 07 de agosto de 2023.

⁴⁹ Ibidem, p. 43.

⁵⁰ Consideramos pessoas negras as/os que se autodeclaram pretos e pardos conforme o critério do IBGE.

moradoras das periferias, compartilhando elementos objetivos e subjetivos e que passam à condição de *específico* porque atuam coletivamente para incidir e transformar a realidade a partir da ação político-cultural.

Fechamos essa seção compreendendo que Cristina Assunção, Uilian Chapéu e Emerson Alcalde são *Sujeita e Sujeitos Periféricos* que atuam como um *grupo específico* no Slam da Guilhermina e articulam uma ação político-cultural, que mobiliza outros atores sociais, como veremos a seguir.

2.2 DO CREDO AO POW: OS SLAMMERS E SUAS ELABORAÇÕES SOBRE A REALIDADE

Após o grito “123! Slam da Guilhermina!”, a/o poeta tem 3 minutos para performar, sem adereço e sem acompanhando musical. O tema é livre, mas basta participar de uma edição para perceber que, performadas e dramatizadas em praça pública, as poesias tratam predominantemente de temas relacionados ao racismo, machismo, lgbtqfobia, sobre questões sociais, sobre fatos políticos do cotidiano, sobre a realidade vivida em contextos sociais vulneráveis, sobre relatos de violência, abusos.. Um detalhe muito importante: a poesia tem que ser autoral, portanto há uma elaboração intelectual prévia condensada em 3 minutos de apresentação.

Neste momento queremos destacar as/os slammers, essas/esses competidores, poetas que dão vida ao slam. Para buscar compreender o seu papel, frequentamos durante 1 ano e seis meses todas as edições do Slam da Guilhermina, realizamos a leitura dos livros publicados pelo Slam Guilhermina, livros-coletâneas, livros individuais, livretos e fanzines. Estivemos presentes na edição do Slam SP de 2022, entre os dias 20 e 23 de outubro, e realizamos duas visitas ao Slam Resistência. Também serviu de base a consulta de vídeos disponíveis na plataforma Youtube e na rede social Facebook, tanto no canal e página do Slam da Guilhermina como outros canais de coletivos ou individuais. Como já destacamos, há uma abundância de materiais. Por fim, realizamos uma entrevista semiestruturada com 3 slammers Tawane Theodoro, Nuel e King Abraba.

Os 4 dias que frequentamos o Slam SP nos permitiram um olhar panorâmico da cena do Slam no estado de São Paulo, tendo em vista que o encontro reuniu representantes de 44 comunidades de Slam da Capital, grande São Paulo, interior e litoral. Chamou bastante atenção que entre as/os competidores a presença é basicamente de jovens, quase todas/os negras e

negros. A maioria é formada por homens, mas há uma forte presença de mulheres. Inclusive, a ganhadora da edição foi uma mulher negra, a Matriarcak. Há também presenças de pessoas não binárias, travestis e trans, entre competidores. O recorte a seguir do panfleto de divulgação do Slam SP ajuda a ilustrar a nossa descrição.



Figura 4 – Recorte do Panfleto de Divulgação do Slam SP com participantes da edição 2022.

Assim como no Slam da Guilhermina, também ficou nítido como a “poesia militante”, assim chamada pelos próprios slammers, tem um forte predomínio nas poesias performadas. Um discurso forte de denúncia, resgate de memórias, relatos de abusos, críticas sociais, muitas vezes entoados em primeira pessoa. Poesias rimadas, outras apenas discursivas, conformando um tecido de elaboração sofisticado que traz uma característica marcante da cultura Hip Hop, particularmente a música rap, que é a ideia de autorrepresentação.

Roberta Marques do Nascimento, em sua dissertação de mestrado *A performance poética do ator-MC*, sintetiza a ideia de autorrepresentação da seguinte forma:

A utilização da primeira pessoa e de assuntos pessoais nos raps, que poderiam ser motivo de distanciamento do público por personalizarem demasiadamente os assuntos, acabam por aproximá-lo, justamente por esse motivo. Um exemplo dessa aproximação é a homenagem que faz Mano Brown a sua mãe referindo-se a ele de forma muito pessoal no final do rap *Vida Loka parte 1*: “Dona Ana, a senhora é uma rainha”. “Dona Ana” nesse caso, acaba por simbolizar, num país onde o abandono paterno é recorrente, a experiência e sentimento de todos aqueles que foram criados somente por suas mães, consideradas “guerreiras” e que se tornam invariavelmente um forte modelo feminino e um exemplo a ser seguido e louvado. (NASCIMENTO, 2012, p. 47).

Trazendo para a cena do slam podemos analisar a autorrepresentação a partir da poesias “Eu não queria ser feminista” da Tawane Theodoro, onde a autora relata que gostaria de não precisar ser feminista mas afirma que diante da realidade imposta às mulheres não resta outra opção.

“Eu não queria ser feminista
 Eu não deveria ser feminista
 Em pleno século XXI minha gente, feminismos não deveria nem existir...
 Calma sociedade, não comece a sorrir”
 (ALACALDE, 2017, p. 86)

A poesia tem um forte tom de desabafo e traz relatos do cotidiano vivido por mulheres

“Porque ainda vemos mulheres sendo abusadas no ônibus
 Vemos Relações abusivas virando coisa normal ... ou melhor
 ““Coisa de casal””
 Ninguém liga pra mulher e pra sua dor
 Fazem ela acreditar que tudo isso é amor”
 (ALACALDE, 2017, p. 86)

Segue a poesia apresentando um conjunto de dados estatísticos sobre as mulheres no

Brasil

“O Brasil é o 5º país mais violento para mulheres no mundo
 Cada dia o feminicídio aumenta
 E com a mulher preta a estatística é ainda mais violenta
 Homicídio de mulheres negras aumentou 54% em 10 anos
 A cada 11 minutos uma mulher é estuprada,
 70% dos casos de estupro a vítima era próxima dos agressores
 em média 47,6 mil mulheres são estupradas por ano, sendo que nem 30% delas denunciam
 3 em cada 5 mulheres vão sofrer algum tipo de violência em algum relacionamento
 até 2030 pode morrer 500 mil mulheres vítimas de violência doméstica no mundo
 94% das mulheres já foram assediadas verbalmente e 77% já foram assediadas fisicamente
 E acha que o feminismo é exagero?
 (ALACALDE, 2017, p. 86)

E finaliza o poema projetando para o futuro em que não seja mais necessário ser feministas

[...]Mulheres precisam ser feministas

mas tomara que em algum dia não precisem mais ser
 E que finalmente alcancem o seu devido poder
 E eu peço, pra qualquer Deus, de qualquer religião
 Que a próxima geração
 Não enfrente um mundo tão sem noção.
 (ALACALDE, 2017, p. 87)

Essa poesia consta no livro *Cinco ponto zero* do Slam da Guilhermina (2017). No Livro *Afrofênix* (2019), da própria autora, e no dia 22 de março de 2017 foi postado em formato de videopoema na página do Facebook do Slam Resistência, alcançando milhões de visualizações em curto período de tempo. No momento da escrita desse trabalho, julho de 2023, o vídeo já havia alcançado mais de 8,6 milhões de visualizações.

Segundo a própria Theodoro, foi esse vídeo que a projetou para cena do slam e a fez perceber que aquilo poderia se tornar um trabalho, mas também o quanto aquilo que parecia apenas um desabafo pessoal tocava, ressoava e fazia sentido para outras pessoas, o que reforça a ideia de autorrepresentação como algo coletivo.



Figura 5 – Print da Postagem do videopoema de Tawane Theodoro postado na página do Slam Resistência.

Vale destacar que o vídeo foi postado no mês de março, que congrega o Dia Internacional das Mulheres no dia 8 e promove um conjunto de atividades e atos no país. Além disso, os vídeos passam a ter grande repercussão nas redes sociais conforme vai se ampliando o acesso à internet no Brasil, principalmente entre jovens periféricos. No cenário político geral tivemos entre 2015 e 2016 Eduardo Cunha como presidente da Câmara dos Deputados Federal que, em nome da bancada evangélica, tentou aprovar um projeto de lei que restringia o aborto

mesmo nos casos já previstos no país,⁵¹ gerando uma mobilização dos movimentos de mulheres. Também foi Cunha que permitiu a abertura do processo que levou ao impeachment da presidenta Dilma Rousseff, primeira mulher no cargo, assumindo no seu lugar o vice Michel Temer, com um ministério formado apenas por homens.⁵² Ainda sobre Temer, uma matéria publicada na Revista Veja sobre a sua esposa, Marcela Temer, intitulada “Bela, recatada e ‘do lar’”⁵³, gerou uma mobilização nas redes sociais com hashtag, memes, textos de tons críticos à ideia da mulher como submissa, com humor, ironia e acidez.⁵⁴

Outra campanha que teve bastante repercussão nas redes nesse período foi a #primeiroassédio, criada em 2015, pela ONG Think Olga, em apoio à menina de 12 anos que foi alvo de comentários de cunho sexual na internet durante participação em um reality show de culinária. Segundo o site da organização, nos primeiros cinco dias da campanha a hashtag foi replicada mais de 82 mil vezes no Twitter e, a partir disso, foi possível levantar dados e constatar que a idade média do primeiro assédio é de 9,7 anos e 65% são cometidos por conhecidos.⁵⁵ Por fim, para ajudar a ilustrar o contexto, resgatamos o trágico episódio de uma adolescente de 16 anos que foi violentada por 30 homens em uma comunidade da Zona Oeste do Rio de Janeiro.⁵⁶ O episódio teve grande repercussão midiática e gerou atos de repúdio⁵⁷ que, baseados nos dados fornecidos pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública⁵⁸, denunciaram que no Brasil a cada 11 minutos uma mulher é estuprada. Esse dado é um dos que aparece na poesia de Theodoro.

Compreendemos que há uma confluência entre um cenário geral político do país, que pode ser exemplificado pelo ataque aos direitos das mulheres no caso Cunha, de ataque à representação política das mulheres no caso Dilma, no ataque às liberdades das mulheres no caso Marcela, na violência contra a mulher no episódio de estupro coletivo, combinado com o avanço das redes sociais como uma arena do debate público e a capacidade intelectual da

⁵¹ O aborto é autorizado em três casos no Brasil: gravidez decorrente de estupro, risco à vida da mulher e anencefalia do feto.

⁵² Ver matéria do Nexo disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/grafico/2016/05/13/Governo-Temer-%C3%A9-3%C2%BA-a-estrear-com-minist%C3%A9rio-s%C3%B3-de-homens-brancos>. Acessado em: 08 de julho de 2023.

⁵³ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acessado em: 08 de julho de 2023.

⁵⁴ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bela-recatada-e-do-lar-materia-da-veja-e-tao-1792/>. Acessado em: 08 de julho de 2023.

⁵⁵ Disponível em: <https://thinkolga.com/projetos/primeiroassedio/>. Acesado em: 08/07/2023.

⁵⁶ Matéria do G1 disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/vitima-de-estupro-coletivo-no-rio-conta-que-acordou-dopada-e-nua.html>. Acessado em: 08 de julho de 2023.

⁵⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/05/ato-de-repudio-ao-estupro-de-jovem-no-rio-acontece-na-av-paulista.html>. Acessado em 08 de julho de 2023.

⁵⁸ Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/>. Acessado em 08 de julho de 2023.

Theodoro de elaborar sobre essa realidade na forma de poesia. Tudo isso conforma um sentimento que de alguma forma catalisa uma subjetividade de uma parcela da população e constrói uma conexão, transformando o seu desabafo em algo coletivo e representativo, portanto uma autorrepresentação coletiva.

2.2.1 A interação ao vivo

Na batalha do slam é possível ver ao vivo a conexão entre a/o slammer performando sua poesia e a reação do público. As reações ocorrem basicamente das seguintes formas: reagindo durante a performance com gritos, sussurros ou aplausos, os aplausos e gritos ao final da poesia. Ao final da apresentação, as/os jurados dão uma nota e a reação do público em relação às notas é: quando a nota é 10, o público grita “Pow!”, enquanto qualquer nota abaixo de 10 o público grita “credo!”.

A intensidade dessas reações também diz muito sobre o quanto aquela poesia criou conexão entre a/o slammer e o público. A participação do público também se dá no momento do “grito de guerra”, que anuncia a contagem de tempo para a poesia e também canaliza a atenção para a apresentação.

Nesse sentido, também é bastante comum que as/os slammers utilizem técnicas na escrita e na performance que produzam essas reações e aumente a possibilidade de terem notas mais altas, ou mesmo no final da apresentação, é comum que se gere demanda pela compra de seus livros, livretos e fanzines, muitas vezes fonte de sua renda.

A técnica mais utilizada são as frases de efeito, denominadas *punch lines*, que na tradução literal do inglês significa linhas de soco. Essa é uma técnica também muito utilizada na Batalhas de MCs, onde há um confronto de rimas improvisadas entre os batalhadores. A *punch line* serve para ganhar o público e nocautear o seu oponente. Já na batalha de poesia o oponente é metafórico. O soco é no racista, no machista, no agressor, no privilegiado, como podemos ver nesse trecho de uma outra poesia da Theodoro, também publicada no livro *Cinco ponto Zero* do Slam da Guilhermina:

[...] Agora vocês querem colar com a gente
Mas até ontem eu lembro das suas piadinhas que no meu cabelo não entrava pente
Que turbante não era legal
e que meu dread era coisa de marginal [...]
(ALACALDE, 2017, p. 90)

Assim como as/os slammers, o público frequentador é formado na sua ampla maioria por jovens, negras e negros, moradores de periferias, portanto há subjetividades, códigos e assujeitamentos compartilhados entre poetas e público, criando uma atmosfera em que o público se sente representado pelo discurso apresentado. Quando indagado sobre o predomínio da “poesia militante” na cena do slam, o poeta Nuel é enfático:

“pelo mesmo motivo que Os Racionais ficou famoso, pelo mesmo motivo que o Facção Central ficou famoso porque, as quebradas vivem violência diariamente e acontece que quando a gente vai combater essa violência. Felizmente ou infelizmente, a gente necessita, a gente se sente confortável com a violência, então, quando chega racionais, falando, ‘não confio na polícia, raça do caralho’. Esse ódio que a gente sente, que todo moleque de quebrada já sentiu, toda mina de quebrada, já sentiu, com relação à polícia, ele sai, ali é um momento que a gente tem para gritar, para se expressar, para exalar, não confio na polícia, raça do caralho. Quando chega, por exemplo, a Tawane falando "receba delicadeza", tá ligado? e ela dá o dedo do meio. Todas as Minas que já sofreram qualquer tipo de assédio, machismo, elas também se sentem representadas, então essa representação mais violenta do que a gente tem para dizer. Ela acolhe um lugar de violência que a gente sofreu a vida inteira”. (Nuel, 2023).

Essa fala do Nuel nos remete ao texto do Acauam Silvério de Oliveira, intitulado “O evangelho marginal de Racionais MCs”, texto de abertura do livro *Sobrevivendo no Inferno*, pois observa o quanto a linguagem estética vai influenciar toda uma geração vindoura:

Pode-se dizer que nesse trabalho, lançado pela produtora independente Cosa Nostra, criada pelos próprios Racionais, o grupo alcança sua maturidade estética e crítica. Essa nova maneira de tematizar o cotidiano periférico teria impacto em vários segmentos artísticos, como a literatura, o teatro, o cinema e a televisão, tornando o grupo uma espécie de vetor para as mais diversas produções artísticas da periferia. (OLIVEIRA(b), 2018, p. 22).

O autor vai além e afirma que o rap nacional se desvincula de uma certa linha de desenvolvimento da canção no país, construída a partir de dois pilares: a identidade nacional pensada em termos da conciliação racial, via mestiçagem, e de classe, via nacional-desenvolvimentismo. Ele afirma: “é como se o gênero tomasse forma a partir dos destroços desse projeto de formação do país, comprometendo-se de modo radical com aqueles que ficaram socialmente relegados às margens de um projeto de integração que nunca chegou a se completar” (OLIVEIRA(b), 2018, p. 25).

Segundo Oliveira, a aposta dos Racionais é de afirmação de uma comunidade negra fora do projeto de uma nação mestiça, afirmando o rap nacional como um gênero cantado por negros que reivindicam uma tradição cultural negra e da sua condição de classe que denuncia a violência e dominação contidas no modelo cordial de valorização da mestiçagem. Para isso, ele cita o trecho “A furia negra ressucita outra vez”, da música “Capítulo 4, versículo 3”. A

abertura dessa música, narrada pelo rapper Primo Preto, contextualiza bem o cenário vivenciado pela juventude negra:

60% dos jovens de periferia
Sem antecedentes criminais já sofreram violência policial
A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras
Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros
A cada quatro horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo
Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente
(RACIONAIS, 2018, p. 49)

É possível encontrar muita semelhança na narrativa discursiva do rap dos anos 1990 com a “poesia militante” performada no slam, que é uma dimensão cronista, um discurso direto e assertivo com elementos do cotidiano vivenciado por quem discursa e por quem ouve. A poeta King Abraba destaca que, de alguma forma, a “poesia militante” é inclusiva e mobilizadora. Ela também destaca o papel da *punch line* como uma chamada de atenção, uma advertência, ou mesmo um dedo na cara de quem não compreende o que está sendo discursado:

“Quando a gente recita a militância, a gente usa o nós, o vamos, o juntos! Isso inclui as pessoas que estão ouvindo. Então eu acho que isso chama. A pessoa, eu acho que isso faz é uma das coisas que eu acho que influencia bastante a militância ganhar e também a tal da punchline Que a galera gosta muito de punchline, que é o que? você socar a cara de quem não entende o que você está falando!”. (King Abraba, 2023).

Seguindo a mesma linha de argumentação, Tawane Theodoro traz o quanto a poesia e a cena do slam abrem a possibilidade de tratar temas historicamente negligenciados:

“O quanto a gente foi calado para falar sobre isso e a gente entende que dentro desse movimento a gente pode falar sobre isso, então todo mundo quer falar porque em outro lugar você não consegue falar, você não tem espaço para falar sobre as suas dores, porque é vitimismo, então se ali você consegue falar sobre suas dores, pô, da hora eu vou falar sobre isso”. (Tawane Theodoro, 2023)

Quando entrevistamos pessoas do público em uma das edições do Slam da Guilhermina e perguntamos sobre qual tipo de poesia mais lhes chamava a atenção, as respostas foram muito semelhantes. A professora Beatriz Mascareli, 21 anos, moradora de Guaianases, respondeu:

“Tem uma da Tawane Theodoro que eu gosto muito que ela fala: ‘eu não queria ser feminista’, e essa foi uma das primeiras que eu vi e que me marcou muito. Eu acho que você falar da periferia, falar de racismo, você falar de feminismo, porque o feminismo ele é importante falar, de mostrar nossa realidade é importante [...] A questão da periferia do feminismo mexem bastante comigo, da escola, falar sobre o ensino me mexe bastante”. (Beatriz Mascareli, 2023)

Para Angélica Silva, 18 anos, moradora do Iguatemi, zona leste, também frequentadora do Slam da Guilhermina, a poesia chama atenção quando:

“Mano, quando é as minas e quando é sobre racismo, por mais que eu seja uma mulher branca. Sabe, tipo minha família é uma família de pessoas pretas, tem muito essa mistura de pessoas em sua grande maioria, pessoas pretas e eu convivo com amigos que são pretos e tipo, eles trazem todas as vivências deles e eu vejo as vivências, sei lá, as pessoas mais novas que eu que estão na minha família e cara, isso me pega muito, porque eu vejo a galera sendo representada”. (Angélica Silva, 2023).

Entrevistamos também a jurada Beatriz Santana, 16 anos, moradora do Jardim São Jorge, zona oeste, que destacou:

“Ah, chama mais atenção temas que estão mais relacionados a mim, tipo uma mulher preta periférica. É sobre nossa identidade, nossas características. Isso me chama bastante atenção. Mas, por exemplo, a poesia do Fernão que falava sobre educação. É uma coisa que também me interessa, que também faz parte do meu meio, porque eu ainda sou estudante, então é um negócio muito interessante quando as coisas, quando os temas envolvem a mim, que eu entenda aí tem uma conexão maior, porque é algo que eu vivo, algo que eu presencio, então cria uma conexão maior”. (Beatriz Santana, 2023).

Os depoimentos, tanto dos slammers como do público, demonstram que há uma linguagem compartilhada, símbolos, códigos que produzem uma conexão que formam uma identidade conformada a partir da condição de classe, raça e gênero dessas sujeitas e sujeitos. Como destaca o poeta Sérgio Vaz no *Manifesto da antropofagia periférica*⁵⁹, “A periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor”.

Com isso, fechamos essa janela e seguimos com um diálogo sobre o percurso das/os slammers na cena do slam. Obviamente, reconhecemos que uma pesquisa não dá conta da complexidade da trajetória de todas e todos que participam da cena do slam, nem é esse o nosso objetivo, mas avaliamos ser importante, a partir de um trecho da trajetória desses 3 slammers entrevistados, compreender um pouco mais sobre a própria cena do slam.

2.2.2 Slammers

Para este trabalho realizamos entrevistas semiestruturadas com três slammers que tivemos oportunidade de conhecer frequentando o Slam da Guilhermina. Elas/es são vencedores de algumas das edições que estivemos presentes, e o conteúdo das entrevistas vai

⁵⁹ VAZ, Sergio. **Literatura, pão e poesia**: histórias de um povo lindo e inteligente, São Paulo: Global, 2011.

aparecendo ao longo da pesquisa conforme vamos apresentando os temas. Neste momento traremos um pequeno perfil e abordaremos temas como educação, rotatividade geracional, competição e oportunidades geradas pelo slam.

Tawane Theodoro, 25 anos, moradora do Capão Redondo, zona sul de São Paulo, se apresenta em seu perfil no Instagram como Artista da palavra desde 2016. Escritora, Slammer, Ativista Cultural, Organizadora do Sarau Capão, Poeta Formadora do Slam Interescolar, também é autora dos livros *Afrofênix: A fúria negra ressurge* e *A Pluralidade Poética*.

King Abraba, vulgo de Kelly Pereira Paim da Silva, 21 anos, moradora de Itapeverica da Serra, cidade da região metropolitana de São Paulo, se apresenta em seu perfil no Instagram como MC, Produtora Cultural, Poeta, Escritora, autora do livro *Vinho Retinto*, organizadora do Sarau Baobá.

Nuel, vulgo Victor Emanuel Araújo dos Santos, 19 de anos, morador de Guarulhos, cidade da região metropolitana de São Paulo, se apresenta em seu perfil no Instagram como Artista independente odiado pelo fim do mundo, Campeão Slam Estéticas das Periferias, Campeão do Slam Interescolar e Campeão Slam Cultura Inglesa Festival.

Há algo em comum na trajetória de Tawane, Nuel e King, além de serem pessoas negras e periféricas: a educação teve um papel central em suas vidas, seja no contato com a poesia ou com o estímulo para ingressar na cena da poesia e do slam.

Tawane escreveu sua primeira poesia como exercício do Cursinho Pré-Vestibular e apresentou pela primeira vez no Sarau organizado pelo próprio cursinho. Os professores também frequentavam a cena do slam, que lhe foi apresentada, e hoje ela é *poeta formadora*⁶⁰, percorrendo as escolas fazendo formação e preparando as/os estudantes para participarem do Slam Interescolar. A King nos relatou que um professor, no ensino médio, descobriu que ela escrevia poesia e a estimulou muito, comprou vários exemplares do seu primeiro livreto. Ela conta que mantém uma relação com ele até hoje. Além disso, ela organiza o Sarau Baobá, que percorre as escolas e estimula novos poetas. Nuel se conectou com a poesia e começou a escrever dentro de um projeto desenvolvido em sua escola. Depois, convidado por uma amiga, conheceu a cena do slam, e em 2022 se consagrou campeão do Slam Interescolar na categoria ensino médio. Em 2023 ingressou como estudante do Curso de História na USP.

⁶⁰ A/o Poeta Formador são as/os poetas selecionados pelos organizadores do Slam da Guilhermina para visitar as escolas inscritas no Slam Interescolar. Cada poeta formador vai na escola fazer uma formação sobre o que é o Slam, suas regras, oficina de escrita para os estudantes. Essa é uma etapa preparatória para escola realizar o Slam internamente e quem vencer representa a Escola na etapa Estadual, que reúne representantes de todas as escolas inscritas.

Interessante observar a educação, seja ela formal, realizada nas escolas públicas com professores minimamente engajados, ou mesmo a educação popular, organizada por movimentos sociais, coletivos e ativistas. Essas frentes de educação são uma chave importante de acesso a um universo que não é necessariamente comum no cotidiano das pessoas que moram nas periferias, onde a poesia é vista como algo distante, elitista, onde muitas vezes as letras de samba, de rap, bastante populares, não são vistos como poesia, e quando a poesia periférica é apresentada, seja através dos saraus ou do slam, constrói uma aproximação, identificação e muitas vezes reconhecimento que ele/ela também pode escrever, também pode se expressar, como nos relata Tawane:

“Essa coisa que o Slam Interescolar, por exemplo, leva para dentro das escolas. Eu tenho muitos relatos, muito dahora, que aconteceram nesses 4 anos, de aluno que não fazia nada e aí viu através da poesia, algo que pode lutar e a entender o que aquilo ali, ele precisa da escola, e aí, tipo, mudou toda a cabeça dele, de professores que entenderam que podia mudar. Tem professores que não implementaram o slam na escola delas mas que a aula de gramática é feita com meu livro. Sabe assim, então isso é muito lindo e é entender como colocar a Poesia Marginal dentro das escolas pode ser através do slam, pode ser através do sarau, pode ser colocando livros de artistas periféricos dentro das aulas de português, de história e assim por diante. Então esse processo eu acho muito da hora”. (Tawane Theodoro, 2023).

Ao longo do período que frequentamos o Slam da Guilhermina notamos uma grande rotatividade entre as/os slammers, inclusive uma presença de competidores adolescentes, oriundos do Slam Interescolar. Tanto Tawane como King gostam de batalhar no Slam, mas também destacam o quanto é desgastante, devido ao grau de preparação para decorar as poesias, estudar as performance, o stress, a pressão, o desgaste emocional e com uma renovação permanente. Tawane destacou que muitas das pessoas que competiam quando ela entrou na cena hoje não competem mais, e mesmo ela com 25 anos já se considera velha, assim como a King, com 21 anos. Ambas hoje enxergam a participação no slam como uma vitrine para vender livros e abrir possibilidades de trabalho, pois as duas vivem da arte:

“Olha o slam para mim é expressão. Mas também é uma vitrine, é uma forma da gente mostrar nossa poesia. Porque, tipo assim, as pessoas costumam achar que é importante só quem ganha o slam, mas todos os poetas que fomentam essa cena são importantes. Todos os saraus que movimentam a palavra são importantes, então a gente não pode tirar a poesia do pedestal da elite e colocar no pedestal da quebrada, entendeu? Tipo aí, um é o grande campeão? Não, todos nós somos campeões, então eu acho que o slam, ele tem que bater nessa tecla, senão uma hora ele vai dar uma perda nesse aspecto. Na minha vida hoje, ele é a principal fonte de renda que através das minhas apresentações eu vendo meus livros, através das minhas vendas, eu também consigo outros eventos para estar participando, consigo ir em escolas dar oficinas”. (King, 2023).

Já Nuel, mais novo na cena, demonstra um maior entusiasmo em competir, mas ao mesmo tempo busca demonstrar que o slam vai além da competição, como já apontaram King e Tawane:

“Eu gosto de ganhar, né? Mas assim. Mais perco, muito mais do que ganho. E o slam ele não se concretiza quando você ganha, ele se concretiza quando você vai. O objetivo do slam está concretizado quando você chega lá, pisa naquele palco sagrado, seja ele uma praça, seja ele um teatro, seja ele uma biblioteca e tal, ganhar é legal pra caralho, inegável, levar um troféu pra casa, um dinheiro, um título ou uma vaga é foda. Mas, sinceramente, sem demagogia, eu me sinto muito feliz quando eu chego lá, sempre ouço as pessoas, sabe? Quando eu ouço os poetas que tem a mesma cor que eu, a mesma realidade que eu, ou que tem realidades completamente diferente. E eu, eu ouço essas perspectivas, e elas são mudanças de vida gigantescas, sabe? Tem muita, muita coisa sobre mulheres, pessoas trans, sobre pessoas neuro divergentes, sobre todos os tipos de realidades que eu só compreendi a partir do momento em que eu ouvi, o slam, tá ligado, e que são coisas que eu pessoalmente acredito que não cabem inteiramente num artigo, ou num texto, ou num livro, tá ligado, que você precisa ouvir uma pessoa falando em poesia, tá ligado? ou trocar uma ideia.” (Nuel, 2023)

O diálogo com Tawane, King e Nuel nos permitiria abrir diversas janelas de abordagem. Algumas delas vamos trazer no capítulo seguinte de nosso trabalho. Neste momento especificamente buscamos trazer um mini perfil de cada um com idade, endereço e como eles se apresentam em suas redes sociais. Tawane e King já com livros lançados e uma trajetória maior na cena da poesia, Nuel iniciando sua jornada. Identificamos uma similaridade entre os três, que é o papel da educação como indutora da chegada das poesias em suas trajetórias, mas também de novas gerações. Passamos pelo aspecto da competição, da rotatividade entre os competidores e as oportunidades que o slam possibilita para além da competição.

2.2.3 Produção literária

Basicamente em todas as edições do Slam da Guilhermina que frequentamos, ao longo de 1 ano e meio, ocorreu algum lançamento de livro. Além disso, ao longo desse período fomos adquirindo um conjunto de fanzines, livretos, livros individuais, livros coletânea, alguns bens artesanais, outros mais elaborados. Alguns livretos as/os slammers ganham como prêmio ao vencer alguma edição de um slam. Algumas antologias foram feitas com apoio de editais públicos, como o livro *Ágora do Agora*, que teve apoio do VAI 2 da prefeitura de São Paulo, e o *Copa das favelas Slam*, que teve apoio da lei Aldir Blac, ambos do *Slam Resistência*. Além

deles, há o livro *A poesia é quem vence: uma antologia Slam do 13*, que teve o apoio da Lei de Fomento à Cultura da Periferia, também da prefeitura de São Paulo.

Os livros *Slam da Guilhermina sete ponto zero*, *Slam da Guilhermina oito ponto zero* e o livro *Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas*, do Slam Interescolar, receberam o apoio da Lei de Fomento das Periferias. Os livros *Diário Bolivariano* e *Nos corre da poesia: autobiografia de um slammer*, de Emerson Alcalde, tiveram o apoio do edital Proac da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Governo do Estado de São Paulo.

O quadro abaixo e a fotografia na sequência ajudam a ilustrar os livros e livretos adquiridos. Todos são editados por pequenas editoras ou selos independentes e são vendidos basicamente de mão em mão, pelos próprios slammers, constituindo um circuito próprio de circulação. Como já destacamos anteriormente, eles têm a função de gerar uma renda para a/o artista, portanto esse circuito também alimenta uma rede econômica de subsistência.

Somado a isso, essa produção literária é muito mais ampla, com produções espalhadas por todo o país, constituindo um gênero literário, um circuito literário e uma economia literária que na sua ampla maioria escapam aos espaços hegemônicos de produção cultural. Também não podemos deixar de destacar que essa produção se soma a uma produção editorial da Literatura Marginal e Literatura Periférica, dos Saraus, que vem se constituindo desde a década de 1990 e que já tratamos no capítulo 1.

Tabela 1 – Relação de livros e livretos de slammers

Título	Autoria	Formato	Ano	Edição
Contraindicação	Cleyton Mendes	livreto	2016	Zine Landia Editora
Etecetera	Cleyton Mendes	livreto	2017	Zine Landia Editora
Ágora do Agora	Antologia	livro	2018	Slam Resistência
Afrofênix	Tawane Theodoro	livro	2019	Quirino Edições
a última folha do Caderno	Lucas Afonso	livro	2019	Selo doburro
O retorno da Fênix	Kawan Oliveira	livro	2019	Grandir Produções
Poeta Progressista	Santos Drummond	livreto	2019	ArtLivroz
A menina que nasceu sem cor	Midria	livro	2020	Grandir Produções
13inho	Santos Drummond	livreto	2020	ArtLivroz
A poesia é quem vence: uma antologia Slam do 13	Antologia	livro	2021	Baderna Literária
A pluralidade da poeta	Tawane Theodoro	livro	2022	Quirino Edições
O Reinado	King Abraba	livreto	2022	Selo Aula Viva

Vinho Retinto	King Abraba	livro	2022	Grandir Produções
África é logo aqui	Cleyton Mendes	livro	2022	Selin Trovoar
Espelhos da quebrada- zona leste	Antologia	livro	2022	Grandir Produções
Você Sabe	Marcio Ricarod	livreto	2022	Selo Aula Viva
Extinção das flores	Kaya Matheus	livreto	2022	Selo Aula Viva
Amarelo cor de Rosa	Santos Drummond	livreto	2022	ArtLivroz
Trato Sobre Tratar	Nuel	livreto	2023	Selo Aula Viva
Copa das Favelas Slam	Antologia	livro		Slam Resistência

Fonte: Joselicio F. S. Junior, 2023.



Foto: Coleção de livros e livretos do autor de slammers e comunidades de slam

Nosso desafio até aqui foi de pensar o papel das/dos slammers. Trouxemos a questão da autorrepresentação coletiva, ou seja, como a narrativa poética que aparentemente é apenas um relato pessoal se conecta com outras pessoas e conforma uma interação e integração coletiva. Destacamos o papel da educação, seja em espaços formais como o ensino regular ou a educação popular, que pode ser uma indutora e estimuladora para formação de novas/os poetas. Tocamos na rotatividade geracional entre os competidores e na questão da competitividade, além de outras possibilidades de vivências e mesmo de trabalho que o slam proporciona. Finalmente, fechamos com a produção literária, que serve como uma base de subsistência, mas ao mesmo tempo forma uma memória histórica dessas/desses porta-vozes de

uma geração, como afirma o Hino do Slam Resistência: “Travadores/trovadoras ... Pensadores/Pensadoras... da contemporaneidade”.⁶¹

Nesse sentido, compreendemos as/os slammers como *intelectuais periféricos*⁶², como propõe Oliveira, pois sintetizam ideias, elaboram pensamentos, demonstram uma consciência da sua condição de classe, raça e gênero. Eles metaforizam em forma de poesias e apresentam essa produção a partir de uma performance que se projeta nos slams, na sua maioria nas ruas, nas redes sociais e também nos livros, livretos e fanzines.

Nesse processo de acompanhamento, percebemos nas/os slammers a preocupação com o fazer artístico, com a construção de uma possível carreira artística a partir da poesias, o que é alcançado plenamente por poucos. Observamos um espírito de comunhão entre as/os competidores, que se encontram em diversas batalhas. É perceptível que há uma torcida pelo bom desempenho de um pelo outro durante a batalha, que se formam pequenos coletivos para organizar outras atividades culturais. Porém, também identificamos elementos de uma racionalidade neoliberal⁶³ do empresariamento de si, que não transborda necessariamente para uma ação coletiva, ou mesmo uma ação política reivindicativa, de atuação em movimentos sociais ou mesmo partidários. Isso é diferente das/os organizadores do Slam Guilhermina, que, como já apresentamos anteriormente, têm uma intencionalidade política explícita.

Encerramos este capítulo dando mais um passo na compreensão dessa ação política-cultural chamada Slam da Guilhermina. No primeiro capítulo pensamos na formação da cena do slam no Brasil e no cenário político, econômico e social em que ela se desenvolveu. No segundo capítulo avançamos no entendimento das/dos personagens, sujeitas e sujeitos que protagonizam, particularmente a/os slammasters (organizadores) do Slam da Guilhermina e as/os slammers (competidores). Nosso próximo passo é compreender a totalidade da junção entre organizadores, competidores e público.

⁶¹ Slam Resistência, **Ágora do agora**, São Paulo, 2018.

⁶² OLIVEIRA, Dennis. “Insurgências culturais e políticas e a emergência do intelectual periférico” in **Periferias insurgentes**: ações culturais de jovens na periferia de São Paulo. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados, 2021.

⁶³ DARDOT, Pierre. LAVAL, Cristian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução Mariana Exalar. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

CAPÍTULO 3: O FÓRUM POÉTICO PERIFÉRICO

Compreendemos que o Slam se realiza a partir de um tripé que envolve Slammasters (organizadores), Slammers (competidores) e o público, inseridos em um determinado espaço, não havendo uma hierarquia de importância mas uma sobredeterminação. No capítulo anterior buscamos compreender o papel e as especificidades de cada um desses atores. Agora queremos explicitar a visão que se tem de conjunto sobre o que é o slam e, a partir disso, pensar uma categoria que possa, de alguma maneira, sintetizar esse fenômeno cultural que nos propusemos a analisar.

Abrimos o primeiro capítulo deste trabalho trazendo algumas definições objetivas sobre o que é o slam, sobre as suas regras. Neste momento, queremos avançar em uma percepção subjetiva sobre o slam, partindo da visão da/dos slammasters do Slam da Guilhermina, as/os slammers e do público. Em todas as entrevistas que fizemos incluímos a pergunta “o que é o slam para você?”, com o propósito de apreender a visão de cada um sobre o tema.

Emerson Alcalde, em sua entrevista, trouxe uma abordagem que consideramos bastante relevante: o quanto a ocupação da rua muda o caráter do próprio slam. O primeiro, o ZAP Slam!, ocorria em um espaço fechado, em um bairro de classe média e a participação poética era mesclada com pessoas do Hip Hop, do Teatro, mas também, como disse Alcalde, com poetas “convencionais”, com poesias mais abstratas, “eruditas”, com referências literárias restritas a um determinado público.

Quando o slam vai para a rua, e para um bairro periférico, mesmo não sendo em um extremo da cidade, essa classe média não frequenta mais, tornando o público e as/os poetas mais populares, com predomínio de uma poesia mais discursiva, com referências cotidianas

“Agora, a poesia discursiva ela vai batendo, você vai sentindo, então vai doendo, ou talvez te ataca, ataca enfim, o Bolsonaro. Então acho que isso mexe com o sentimento das pessoas, diretamente, não preciso ter uma referência para entender sua poesia. Tem poesia que se você não entende muito de arte, você boia, né? Tipo não peguei, não saquei a tirção com o Guimarães Rosa, um popular não sabe quem é Guimarães Rosa, ouviu falar, mas ele não sabe que ele faz neologismo, então você fez uma piada com isso, uma coisa bem sacada, é uma poesia bacana, mas assim, eu acho que quando é discursiva, atinge mais pessoas, e debate a cidade, e tem gente que vai lá para debater, o Guilhermina nasceu também para esse debate, para proporcionar um espaço onde a gente fosse debater o bairro, trazer questões, falar de políticas públicas”. (Alcalde,2023).

Outro aspecto importante que o slammaster nos traz é como as/os poetas vão se politizando e se formando no processo, inclusive acompanhando as mudanças políticas do país e como também a poesia “militante”, engajada, é um reflexo do desejo do público, que vai

encontrar no slam um espaço de sociabilidade de setores progressistas diante do avanço da fascismo:

“O mundo foi mudando, também tem um lance do tempo, quando o ZAP começou, era governo Lula, então você estava numa crescente, aí depois tem a virada, pra começar esse fascismo que vem chegando. Então a galera começou a querer, gostar e querer também que o poeta, falasse daquilo, de algum modo essas questões que tá rolando na sociedade, nessas pautas, e aí foi ficando. Como é um jogo, ele foi percebendo assim, bom é isso que ele quer ouvir, é isso que eu vou mandar. Eu vou arriscar falar um outro tipo de poema no sarau, no slam eu vou pegar uma poesia e pá! Isso foi agradando, então começou a vir gente sempre procurando isso. Então por isso que é difícil sair desse tema, quando sai a poesia mais forte, porque a plateia parece, parece não, ela quer ouvir aquilo, De um modo geral, ela quer ouvir algo importante”. (Alcalde, 2023).

A reflexão de Alcalde abre duas janelas importantes. A primeira, o slam como um espaço de encontro de sociabilidade, onde as pessoas se reúnem para pensar e debater a cidade. Ele diz: “o slam para mim é uma grande formação política, as pessoas estão ali se socializando, e pensando a cidade, pensando as questões, um grande pensamento sobre a sociedade toda” (Alcalde, 2023). Esse é um ponto crucial para nós, pois contribui com a definição que estamos propondo do slam como um fórum, um “Fórum Poético Periférico”. Detalharemos essa definição logo a frente.

A segunda janela é a retroalimentação entre organizadores, poetas e público. Como descreve Alcalde, o slam é um jogo: conforme a poesia politizada vai tendo maior apelo do público as/os poetas vão aprimorando suas poesias dentro dessa linha. Quando as/os organizadores começam a postar os videopoemas nas redes sociais, como já descrevemos no capítulo anterior, e eles atingem grande alcance, isso ajuda na difusão do slam, abrindo mais comunidades, assim como também mobiliza mais pessoas para acompanhar presencialmente as edições.

Esse processo é interrompido com a pandemia do Covid-19. O Slam da Guilhermina conseguiu se adaptar minimamente ao formato online, construindo conexão com poetas do país e de países africanos que falam português, como Angola e Moçambique, mas em dezembro de 2021, no processo de reabertura, já retomou com as edições presenciais.

Percebemos nesse novo ciclo pós-pandêmico, que acompanhamos empiricamente as edições ao longo do ano de 2022 e primeiro semestre de 2023, uma presença relevante de professores e adolescentes no público e mesmo entre competidores, pessoas que tiveram contato com o slam por meio do Slam Interescolar, sendo um espaço que também retroalimenta a própria cena do Slam.

As questões levantadas por Alcalde também aparecem nas percepções do Uília Chapéu, também slammaster do Slam da Guilhermina. Chapéu, além de reforçar os aspectos

do debate público, traz a ideia do slam como um “quilombo moderno” e também conecta a experiência do slam com a experiência da formação do movimento hip hop no Brasil⁶⁴, em que na década de 1980, periodicamente no Largo São Bento, na região central da cidade São Paulo, jovens de diversas periferias da cidade e da região metropolitana se reuniam para dançar, trocar ideias e cantar. Diz Chapéu em entrevista:

“Por exemplo, ele é uma competição. E ao mesmo tempo, ele não é uma competição. Ele mais informa do que ele mostra a competição. A competição fica em segundo plano, o Emerson definiu muito bem, eu falei, eu não conseguia. Ele falou “Criar cidadãos críticos”, o slam tem essa potência, tem um pouco de Filosofia, porque ali você não está pregando para quem já está convertido. Então, no slam eu acho bacana isso. A mina que vai mais pelo feminismo, ela vai ouvir sobre o negro, vai ouvir sobre LGBT, vai ouvir sobre amor, vai ouvir sobre outras coisas, o quanto ela vai absorver disso? É interessante porque se ela continua indo e ela também vai ter voz, então o slam para mim, de forma mais romântica, ele é um Quilombo, um Quilombo moderno. É um ponto de resistência. Ele é um ambiente de filosofia onde as pessoas vão para trocar informações, assim como era na São Bento no hip hop, eu vejo muito isso, então eu vou ali para fazer o meu trampo, mas eu estou ali, ouvindo”. (Chapéu, 2023).

A slammaster Cristina Assunção traz como ao longo dos anos o Slam da Guilhermina transformou a própria praça onde ele acontece com a realização, inclusive, de outras manifestações culturais, como festa de música eletrônica e mesmo atividades da Igreja Batista do bairro. Assunção também chama a atenção para o entorno, o desenvolvimento do comércio local e também as pessoas que transitam na saída do metrô e o ponto de ônibus e eventualmente param para assistir:

“Desde a primeira entrevista, que foi feita, que me perguntaram, [...] Eu falei, a coisa mais interessante disso aqui, é aquele povo que fica indo e voltando, do trabalho para casa, mais importante, enfim, é aquela galera que tá no ponto da perua⁶⁵, está indo para a perua e para ali, né? Minha prima é uma dessas pessoas, que param ali, fica vendo de vez em quando, ficam na mureta. E tem gente que desce com o tempo, com esses 11 anos, eu vi, muita gente que ficava lá em cima descer, descer com os filhos. Depois fica só os filhos. (Assunção, 2023)

Assunção também ressalta o quanto o slam, junto com outras artes periféricas, populariza a ideia do fazer artístico, e o seu caráter de transformação, de empoderamento. Ela diz: “ele é a prova de que todos nós podemos produzir arte” (ASSUNÇÃO, 2023). A

⁶⁴ Para compreender esse período ver o documentário *Nos Tempos da São Bento*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z8FtIypGeVs>. Acessado em: 12 de agosto de 2023.

⁶⁵ Perua é um termo bastante utilizado em São Paulo para designar o transporte coletivo feito por micro-ônibus que percorre o interior dos bairros. Muitas dessas linhas saem de terminais ou pontos ao lado das estações de metrô.

slammaster enxerga uma potência no slam, mas sente falta de uma maior união e integração entre as comunidades, inclusive na luta por políticas públicas.

Outro aspecto que nos chamou atenção em suas reflexões é a produção poética e a constância de uma poesia apenas discursiva: “Discurso do discurso pura e simples, sem lírica, porque poesia ela tem que ter uma lírica, ela tem um som, ela tem algo que te emociona” (ASSUNÇÃO, 2023). Ela enfatiza que o grito pelo grito pode gerar um esgotamento, e também traz a contradição entre o discurso performado no slam e a ausência de participação em atos, em ações dos movimentos sociais: “Isso é uma coisa que no slam, assim, quanto mais grita, mais eu acho que a gente um hora pode se esgotar e por outro lado, essa militância que está na voz, no palco, na arena, não tá na rua, entendeu? Ela não está na rua” (ASSUNÇÃO, 2023).

As preocupações apresentadas por Assunção são pertinentes, pois trazem os limites, possibilidades e potencialidades. Como buscamos apresentar até aqui, o slam é uma manifestação político-cultural atravessada pelas contradições da sociedade em que vivemos, com uma forte hegemonia do pensamento neoliberal que nos empurra para uma dinâmica cada vez mais individualizada, colocando enormes desafios para a construção de espaços coletivos que questionem essa lógica. Nesse sentido, a própria existência do slam como um espaço de sociabilidade, que questiona e debate a sociedade, é uma ação de resistência e potencialmente transformadora, mas que sofre com as tensões da contemporaneidade.

Avançando para a percepção das/dos poetas sobre o que é o slam, iniciamos com Nuel, que em seu depoimento exemplifica o caráter de sociabilidade, o encontro e as possibilidades de conexão e troca que o slam abre:

“Então o slam para mim é esse lugar, essa ágora, esse lugar de escuta e de fala, esse lugar onde pessoas periféricas se conectam, onde pessoas pretas se conectam, onde mulheres se conectam, onde pessoas LGBTQIA+ se conectam. Mas para mim, pessoalmente, o slam é a coisa que mudou minha vida, sabe? Eu até era alguma coisa antes do slam, mas eu gosto muito mais do que eu sou depois de conhecer o slam, sabe? A minha vida é ficar pensando em escrever poesia nova, decorar a poesia, ir no slam, ouvir gente nova, conhecer pessoas novas, fazer viagem com slam, sabe?. (Nuel, 2023).

Nuel também traz uma dimensão bastante pessoal e sensível dos efeitos do slam em sua trajetória, nos aspectos psicológicos e mesmo terapêuticos:

“Depois que o bichinho da poesia me picou e eu fui infectado e gostei de ser infectado, eu nunca mais quis ficar saudável dessa infecção, sabe? Pensando agora, muito menos em questões sociais e acadêmicas e tal, pensando em questões emocionais e psicológicas, o slam é um espaço de liberdade, sabe? O slam é um espaço que eu vou lá, eu me jogo no chão, eu grito, eu aponto o dedo na cara das pessoas e eu falo, “fim do mundo me odeia porra”, e as pessoas me ouvem, elas aplaudem, e choram, e compram meus livretos, sabe? É um lugar em que eu me sinto livre e que as pessoas quando me vêm sendo livre, me abraçam, me falam coisas lindas para mim. É isso, é uma terapia, é uma terapia de alguma maneira. Por

mais que, inclusive eu falo isso na minha poesia sobre depressão, que o slam não seja terapia, no sentido propriamente dito, então quando você tem algum problema psicológico sério, procure terapia ao invés do slam. Mas, cara, tenho certeza que qualquer psicólogo ia recomendar o slam para aliviar suas dores e mazelas. (Nuel, 2023).

Retomando a questão do debate, é recorrente entre os participantes do slam o uso do termo *Ágora*, que remete a praça pública, onde se realizavam as assembleias políticas na Grécia Antiga.⁶⁶ Roberta Estrela D’Alva usa bastante esse termo em seus depoimentos sobre *Poetry Slam*, definindo-o como “Ágoras livres”, do livre pensamento, espaço que possibilitam exercer a política e a cidadania de forma poética, inclusive para além de espaços formais da política, como os partidos.⁶⁷ O Slam Resistência lançou em 2018 o livro e o documentário *Ágora do Agora*, que também traz essa discussão.

Quando perguntado se entendem o slam como um fórum ou como uma *Ágora*, como define Estrela D’Alva, Nuel respondeu

Eu, ia usar esse termo, o Slam é a ágora do agora. O Slam é o lugar em que as pessoas se reúnem na praça, é democrático, porque tem o espaço de cada um falar, todo mundo vai falar 3 minutos, tem gente que pode dar um salve que nem vai fazer poesia. Tem gente que vai na poesia, as pessoas vão se ouvir, tá ligado? E tipo assim, é exatamente esse lugar que antigamente na Grécia as pessoas se reuniam para trocar ideia, é o slam para mim, pessoalmente. (Nuel, 2023).

A slammer Tawane Theodoro traz novamente a dimensão do caráter popular da poesia como algo acessível, que qualquer pessoa que queira consiga fazer, e também aborda o slam como uma prática que facilita a comunicação com as pessoas, pois a performance, para além da poesia escrita, chama a atenção e possibilita que temas e questões cheguem em mais pessoas. Ela afirma:

“Eu sempre pensei na poesia como aquela coisa acessível de que, assim, todo mundo pode fazer. Então que todo mundo consiga ter a opção de escolher o que fazer com a poesia marginal. Então, tipo assim, a gente que é de quebrada e taus, entender que poesia é acessível, eu acho que o slam facilita muito esse processo. Sabe assim, então ele é um facilitador da cultura, da poesia falada. Nesse caso, ele é um facilitador, porque a pessoa, a criança, o jovem que vai ler ali a poesia no escrito, talvez não chame a atenção dele como um vídeo ou um presencial. Então eu acho que o slam, ele além dessa competição de poesia falada que faz com que vários assuntos diversos cheguem nas pessoas. Se eu falar para você, vamos conversar sobre tal assunto de repente, nem flua, você nem preste tanta atenção, mas se eu pego o microfone, depois do grito todo mundo fica em silêncio, e eu falo sobre aquilo, você vai pensar. Então eu vejo o slam muito como esse facilitador, mesmo assim, sabe da

⁶⁶ definição do Dicionário Aurélio disponível em <https://www.dicio.com.br/agora-2/> acessado em 12 de agosto de 2023

⁶⁷ ver em O que é Poetry Slam? Com Roberta Estrela D'Alva - Top Dicas Sesc #48 - disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bojuwnv6yd0> - acessado em 12 de agosto de 2023

poesia falada e que torna aquilo mais acessível para chegar mais nas pessoas”. (Tawane Theodoro, 2023).

Theodoro também faz uma reflexão a respeito do quanto a “poesia militante” foi definidora na sua trajetória: “foi pra onde eu comecei, foi pra onde eu entendi a militância, foi para onde eu me tornei política na vida, foi através do slam, sabe?” (THEODORO, 2023), mas ressalta que mesmo que só falasse de amor a sua poesia continuaria marginal, portanto o que define o estilo da sua poesia também é a sua condição de classe “Tipo, vai, eu quero sossegar, gente, eu quero só me declarar pra pessoa ali e eu só vou falar sobre isso no slam quer dizer que a minha poesia é menos marginal do que a de quem fala de militância? Não. Porque eu sou uma pessoa marginal” (THEODORO, 2023).

King Abraba faz uma reflexão sobre como o slam permitiu que ela enxergasse que poderia ser uma escritora e publicar o seu primeiro livro. Ela fala do reconhecimento que a cena traz e aborda a dimensão da importância de ter pessoas pretas nas universidades, mas também de como é importante de pessoas pretas fazendo cultura nas ruas, dialogando com as “quebradas”:

“O slam abriu meus olhos em diversos aspectos, em diversas áreas. Foi o lugar que eu entendi que eu poderia ser escritora e assim eu lancei meu primeiro livro e isso é uma realização pessoal, que ninguém tira, tá ligado? É, muitas pessoas chegam em mim e perguntam. Em que área eu sou formada? Eu falo, cara, não sou formada? E é muito importante, a faculdade, é muito importante ter pretos na universidade, mas é muito importante também ter pretos que fazem a cultura na rua, tá ligado, que chega lá e fala a língua da quebrada, tá ligado? E troca ideia, isso também é muito importante, gera muito reconhecimento também. Então, hoje eu tenho um pequeno reconhecimento que eu agradeço muito. (King, 2023).

Para encerrar esta seção, trazemos a percepção de duas pessoas do público que entrevistamos em uma das edições do Slam da Guilhermina sobre o que era o slam para elas. Angélica Silva traz a dimensão da resistência e do pertencimento possibilitados pelo slam:

“Pô meu slam para mim é resistência. É você ver suas histórias, é você trazer suas vivências, é você trazer o que compõem você, o que compõe a sua comunidade. Para mim, slam é isso, é você trazer a periferia, você trazer a realidade, né? Porque ele vem numa pegada diferente”. (Silva, 2023).

A professora Beatriz Mascareli chama a atenção mais uma vez para a questão da acessibilidade da poesia como algo próximo da realidade dos jovens periféricos:

“O slam é mostrar para eles que poesia não é só Clarice Lispector, né? Poesia é bom, poesia é a realidade deles, como é o rap e eles têm que saber que a realidade deles é poesia também, né? Que eles podem botar pra fora em forma de poesia”. (Mascareli, 2023).

O panorama que trouxemos até aqui nos permite avançar em algumas definições:

Primeiro, o slam é um espaço de encontro, de sociabilidade que reúne majoritariamente jovens e que debate a sociedade a partir de uma visão de esquerda e progressista, portanto um **fórum**.

Segundo, é um jogo, uma competição democrática, com regras pré-estabelecidas que tem a **poesia** como instrumento de expressão.

Terceiro, é um espaço protagonizado por pessoas **periféricas**. Periféricas no sentido de serem moradoras de bairros periféricos, distante do centro, mas também periféricos no sentido de uma identidade construída a partir de uma cultura periférica.

Quarto, é a **ocupação do espaço público**, das praças, das saídas do metrô, do terminal de ônibus, inserindo a ação política-cultural no próprio contexto da cidade.

É neste quadro que entendemos que essa junção entre Slammasters, Slammers e Público ativo em um determinado espaço público com as características que trouxemos acima conforma um “Fórum Poético Periférico”.

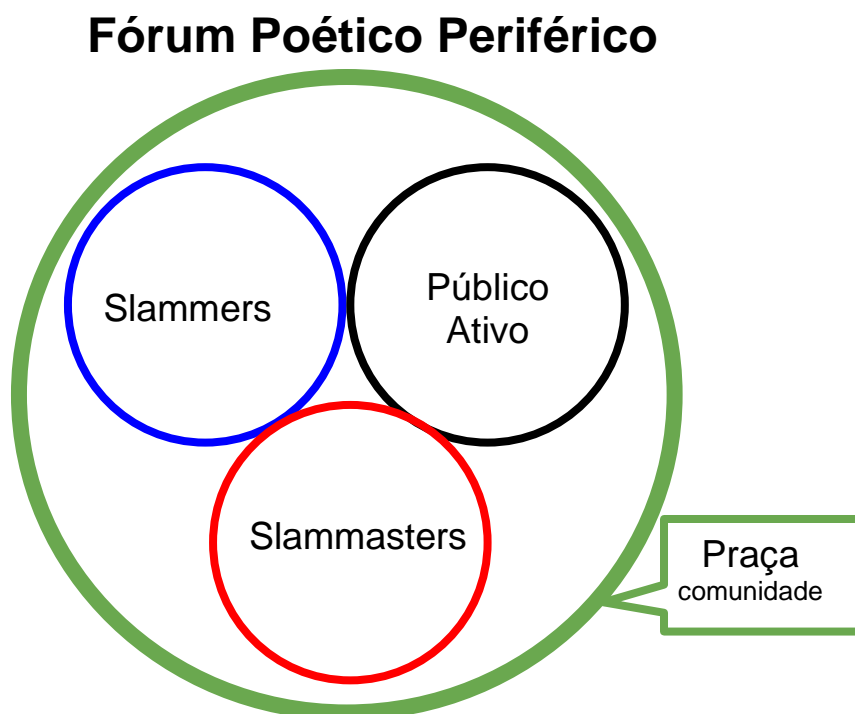


Ilustração1. Desenho que nos ajuda a ilustrar a ideia do Fórum Poético Periférico mostrando a interdependência entre organizadores, competidores e o público, inseridos em um espaço determinado.

Caracterizar o slam como “Fórum Poético Periférico” nos permite pensar para além da ação cultural em si, mas pensar os efeitos individuais e coletivos dessa iniciativa. Assunção e Nuel trouxeram a dimensão terapêutica do slam. Alcalde destacou como as/os poetas foram

se transformando e se formando politicamente ao longo do tempo, provocados pelo público e pela conjuntura do país. Chapéu destacou em sua entrevista como o slam também teve a sua contribuição na eleição do terceiro mandato do presidente Lula e para derrotar eleitoralmente o fascismo.

Como buscamos demonstrar ao longo desta pesquisa, apesar de estar fora do radar dos espaços tradicionais da esquerda, como partidos políticos, sindicatos e movimentos sociais, o slam foi se tornando um importante espaço de sociabilidade de uma juventude que foi elaborando discursivamente e artisticamente uma contraposição ao fascismo e à extrema direita.

Está claro que, contudo, o slam é fruto do seu tempo histórico e também sofre atravessamentos de uma racionalidade neoliberal. Todavia, se de um lado muitas vezes enxergamos uma certa ação artística individualizada, quando essas pessoas se juntam, entorno da batalha de poesia, há uma transformação para uma dimensão coletiva que estabelece contrapontos ao neoliberalismo. Portanto, entendemos que o “Fórum Poético Periférico” possibilita a conformação de espaço público democrático que produz memória, questiona a realidade, denuncia as desigualdades e debate a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar e elaborar sobre uma iniciativa cultural é uma tarefa bastante desafiadora e recheada de possibilidades. Neste trabalho fugimos da perspectiva de tentar buscar a essência do slam, ou a essência das sujeitas e sujeitos que protagonizam essa cena. Nosso propósito foi de buscar compreender as condições objetivas e subjetivas dessa ação, que nasce modesta e ganha proporção e relevância em um dado contexto histórico.

Nesse sentido, nos mobilizamos a compreender a linha do tempo histórica de chegada do slam no Brasil, suas conexões com outras expressões culturais, compreender o cenário político e econômico-social em que ele se desenvolveu, além de apreender suas singularidades, limites e possibilidades. Quando iniciamos os estudos tínhamos um conhecimento prévio bastante superficial, sobre o slam, sendo o trabalho de desenvolvimento da pesquisa enriquecedor e de muito aprendizado.

Sendo o autor desta pesquisa alguém que tem uma trajetória de mais de duas décadas de militância no movimento social negro, em partidos políticos de esquerda e também nos movimentos culturais periféricos, um elemento chamou muita atenção. Trata-se da capacidade intelectual de jovens negros e periféricos de catalisar fragmentos do cenário político-social, condensar e sistematizar na forma de poesia e projetar em performance sua elaboração em uma arena pública. Sem contar com o alcance dessa comunicação, que atinge um público mais amplo que muitos espaços da esquerda “tradicional”.

Outra questão que despertou nossa atenção foi a formação de espaços públicos de debate, ambientes que ganham relevância e se expandem justamente no momento de maior avanço da extrema direita no país. São espaços que vão se conformando como núcleos de resistência, de contraposição discursiva, de elaboração, de sociabilidade, de coletividade.

Com isso, também nos mobilizou compreender como as ações culturais produzem tecnologias e práticas que organizam, mobilizam, integram e disputam o imaginário coletivo, construindo contradições e contrapontos com a estrutura hegemônica de poder. Portanto, observamos esses processos como uma das possibilidades de forma organizativa da classe trabalhadora, sobretudo de jovens negros e periféricos.

Não podemos ignorar o quanto as transformações do mundo do trabalho atingem brutalmente os mais jovens, com possibilidades de empregabilidade cada vez mais precária, sem direitos sociais assegurados, com pouca perspectiva de crescimento e desenvolvimento, atravessados por ideologias conservadoras que valorizam o esforço e as alternativas

individualizadas como saídas para sua condição. Diante desse cenário, construir ambientes coletivos alternativos de sociabilidade e discussão democrática nos parece algo muito relevante e potencialmente transformador.

Compreendemos que as transformações mais radicais não dependem apenas das contradições objetivas impostas pela exploração feita pelo sistema capitalista, que produz desigualdades e mazelas sociais. Entendemos ser fundamental a constituição de espaços de sociabilidade, de constituição de subjetividades alternativas ao bloco de poder hegemônico, que produzam consciência, pertencimento, códigos próprios, forjando uma identidade emancipadora, que transborde os limites do enquadramento das elites dominantes. Enxergamos a produção cultural como essa arena que disputa o imaginário do que somos e do que queremos ser.

Buscamos analisar o slam dentro da sua complexidades, suas contradições, seus limites, mas também observando o que ele pode oferecer de práticas e tecnologias que possam impulsionar formas de organização da classe trabalhadora.

Por fim, queremos destacar que apresentamos a ideia do “Fórum Poético Periférico” como resultado da apreensão analítica do Slam da Guilhermina, mas também compreendendo essa iniciativa como parte de uma cena mais ampla. Portanto, entendemos que o “Fórum Poético Periférico” também se reproduz em outras comunidades, obviamente com as suas singularidades e especificidades.

A escolha pelo Slam da Guilhermina se dá por ser o primeiro slam de rua do país e inspirar outras comunidades a ocuparem o espaço público, como o hip hop fez nos anos 1980. Outro aspecto é que o slam é uma iniciativa que perdura por mais de uma década e ao longo desse período seus organizadores tiveram uma preocupação de sistematizar e constituir a memória de sua trajetória, seja a partir de livros, ou do audiovisual. Além disso, o Slam da Guilhermina ainda demonstra uma inventividade e uma vitalidade, particularmente com o seu braço Slam Interescolar.

O Slam Interescolar, que teve início em 2015 com 4 escolas, chega em 2023 com a participação de 330 escolas no Estado de São Paulo. O processo conforma o que organizadores chamam de “Pedagogia do Slam”⁶⁸, que envolve a formação de poetas formadores que visitam as escolas e fazem oficinas com os professores e estudantes. Estes depois realizam o slam na escola e tiram representantes para um grande encontro do Slam Interescolar. Em 2022 a final foi no Teatro Sérgio Cardoso, com mais de 800 pessoas presentes.

⁶⁸ALCALDE, Emerson. **Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas**. São Paulo: Literarua, 2021.

Essa outra janela aberta pelo Slam Interescolar de pensar a cultura e a educação como uma fronteira da ação política, dentro de um cenário de desmonte da estrutura de uma educação pública, gratuita e de qualidade e mesmo de ataques ideológicos promovidos pela extrema direita é algo que consideramos ousado e nos instiga a seguir com a pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Lucas. **A última folha do caderno**. São Paulo: Selo do burro, 2019.

ALCALDE, Emerson. **Cultura ZL**: rede de coletivos de Ermelino Matarazzo. 1ª ed. São Paulo: EDICON, 2013.

_____. **Slam Nacional de Duplas**: Brasil que o povo quer. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2018.

_____. **Diário Bolivariano**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

_____. **Nos corre da Poesia**: autobiografia de um slammer. São Paulo: ed. do Autor, 2022.

_____. **Antifa**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

_____. **Empoderamento Feminino**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

_____. **LGBTQIA+**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

_____. **Luta de Classes**. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.

_____. **Protagonismo Juvenil**. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.

_____. **Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas**. São Paulo: Literarua, 2021.

_____. **Slam da Guilhermina**: dois ponto zero. São Paulo: Emerson Alcalde, 2015.

_____. **Slam da Guilhermina**: cinco ponto zero. **Slam da Guilhermina: seis ponto zero** - São Paulo: Emerson Alcalde, 2019.

_____. **Slam da Guilhermina**: sete ponto zero. São Paulo: Emerson Alcalde, 2020.

_____. **Slam da Guilhermina**: oito ponto zero. São Paulo: Emerson Alcalde, 2021.

_____. **Slam da Guilhermina**: nove ponto zero. São Paulo: Emerson Alcalde, 2023.

D'ANDREA, Tiaraju Pablo. **A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos**: cultura e política na periferia de São Paulo. 1 ed. São Paulo: Editora Dandara, 2022.

CORREIA, Juliana. **Espelhos da Quebrada** – Zona Leste. São Paulo: Gradir Produções, 2022.

DARDOT, Pierre. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal/ Pierre Dardot; Cristian Laval; tradução Mariana Echalar. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

FELIX, Mariana. **Vício**. 1ª ed. - São Paulo: Mariana Felix, 2017.

FERREIRA, Clayton Mendes. **África é logo aqui**. 1ª ed. São Paulo: Selin Trovoar, 2022.

FERRÉZ. **Capão Pecado**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

FRASER, Nancy. **O velho está morrendo e o novo não pode nascer**. Trad. Gabriel Landi Fazio. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.

FREITAS, Daniela Silva de. Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, p. e5915, 2020.

KING. **Vinho retinto**. 1ª ed. São Paulo: Grandir Produções, 2022.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MOURA, Clóvis. **O negro, de bom escravo a mau cidadão?**. 2ª ed. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

_____. **Dialética Radical do Brasil Negro**. 2ª ed. São Paulo: Fundação Maurício Grabois, coedição com Anita Garibaldi, 2014.

_____. **História do Negro Brasileiro**. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1992.

_____. **Rebeliões da Senzala: Quilombos, insurreições, guerrilhas**. 5ª ed. São Paulo: Anita Garibaldi, coedição com a Fundação Maurício Grabois, 2014.

_____. **Sociologia do Negro Brasileiro**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2019. (Palavras Negras)

NASCIMENTO, Érica Peçanha. "**Literatura marginal**": os escritores da periferia entram em cena. 2006. Dissertação Mestrado. Universidade de São Paulo.

_____. **Vozes marginais na literatura**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

_____. **É tudo nosso!** Produção cultural na periferia paulistana. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

NASCIMENTO, Roberta Marques do. **A performance poética do ator-MC**. 2012. 150 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

_____. **Vocigrafias**. 2020 Tese Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

_____. SLAM: voz de levante. **Rebento**, n. 10, p. 268-286, 2019.

_____. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça-O poetry slam entra em cena. **Synergies Brésil**, n. 9, p. 119-126, 2011.

OLIVEIRA, Dennis. **Racismo Estrutural**: uma perspectiva histórico-crítica. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

_____. O combate ao racismo é uma luta anticapitalista, in **A luta contra o racismo no Brasil**. Org. Dennis de Oliveira; Cláudia Rosalina Adão. São Paulo: Edições Fórum, 2017.

_____. **Periferias insurgentes**: ações culturais de jovens nas periferias de São Paulo. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados, 2021.

OLIVEIRA, Kawan. **O Retorno da Fênix**. São Paulo: Grandir Produções, 2019.

PEIXOTO, Thiago; MAITÊ, Costa; FEITOZA, Caio. **A poesia é quem vence**: uma antologia Slam do 13. - São Paulo: Baderna Literária, 2021.

PEREIRA, Midria da Silva. **A menina que nasceu sem cor**. 2 ed. São Paulo: Grandir Produções, 2020.

Racionais MC's. **Sobrevivendo no inferno/ Racionais MC's**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROMÃO, Luiza. **Microfone em chamas**: slam, voz e representação. Dissertação Mestrado. FFLCH - USP. São Paulo, 2022.

ROSSI, Pedro. **Economia para poucos**: impactos sociais da austeridade e alternativas para o Brasil/ Org. Pedro Rossin Esther Dweek e Ana Luiza. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

Slam Resistência. **Ágora do agora**. São Paulo: Slam Resistência, 2018.

Slam Resistência. **Copa das Favelas Slam**. São Paulo: Slam Resistência, 2022.

Sousa, Mariely Zambianco Soares. **Slam em movimento**: a poética, a política e a história em público. Mestrado Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), 2021.

THEODORO, Tawane. **Afrofênix**: a fúria negra ressurgue. São Paulo: Quirino Edições, 2019.

_____. **A pluralidade da poeta**. São Paulo: Blucher, 2022.

VAZ, Sérgio. **Literatura, pão e poesia**: histórias de um povo lindo e inteligente, São Paulo: Global, 2011. (Coleção Literatura Periférica)

Livretos

DRUMMOND, Santos. **Poeta Progressista**. São Paulo: Artlivroz, 2019.

DRUMMOND, Santos. **13inho**. São Paulo: Artlivroz, 2020.

DRUMMOND, Santos. **Amarelo Cor de Rosa**. São Paulo: Artlivroz, 2022.

MENDES, Clayton. **Contraindicação**. São Paulo: Zinelândia, 2016.

MENDES, Clayton. **ETCETERA**. São Paulo: Zinelândia, 2017.

SANTOS, Victor Emanuel Araújo dos. **Tratado sobre trata**. São Paulo, Selo Aula Viva, 2023.

SILVA, Kelly Pereira Paim da. **O Reinado**. São Paulo, Selo Aula Viva, 2022.

SILVA, Márcio Ricardo da. **Você sabe**. São Paulo, Selo Aula Viva, 2022.

SOUZA, Matheus Lima de. **Extinção das Flores**. São Paulo, Selo Aula Viva, 2022.

Sites

BreakAndStyleCrew. Documentário: **Nos Tempos da São Bento** - Full / Completo. Youtube 22/04/2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z8FtIypGeVs> . Acessado em 12 de agosto de 2023.

Fundação do Livro e Leitura Ribeirão Preto. 20ª FIL | Documentário: **Slam: Voz de Levante**, com Tatiana Lohman. YouTube, 22/09/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IcXKyzZWAwE> Acessado em: 28/06/2023

Itaú Cultural. Roberta Estrela d'Alva – Flip (2016) – Parte 1/3. YouTube, 08/07/2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qfzrjSrwbW4>.

Opera Mundi. **Lucas Afonso: Poesia na Prática** - SUB40. YouTube, 12/05/2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rbqLoWagWy8> . Acessado em: 01 de agosto de 2023

Outras Rimas. **Paulo Leminski Fala Sobre A Poesia Do Futuro** - Fragmentos 1. YouTube, 04/08/2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sku9F9KPLRE>. Acessado em: 01 de agosto de 2023

REDE TVT. **Documentário mostra surgimento e crescimento do Slam no Brasil**. YouTube, 20/11/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CgN3DtlwyR8>. Acessado em: 26 de junho 2023.

REDE TVT. **Slam: A poesia que vem da periferia | Transição**. YouTube, 25/04/2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qqX-CpO9teA>.

Sesc Santa Catarina. **O que é Poetry Slam?** Com Roberta Estrela D'Alva – Top Dicas Sesc #48. YouTube, 20/04/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bojuwnv6yd0>. Acessado em: 12 de agosto de 2023.

Slam da Guilhermina. **SLAM DA GUILHERMINA 1.0 (CD COMPLETO)**. YouTube, 28/11/2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hLNgPk9ti_U. Acessado em: 26 de junho de 2023.

Slam da Guilhermina. **Luiza Romão – A colonização foi um estupro** – Final Slam da Guilhermina 2018. YouTube, 01/11/2018 - Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rFrGrzsyY-8>. Acessado em: 26 de junho de 2023.

Slam da Guilhermina. **BEKÁ – Eu tô boladão** – Final Slam da Guilhermina 2018. YouTube, 12/11/2018 - Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3m-UFAntXU0>. Acessado em: 26 de junho de 2023.

Slam da Guilhermina. **SLAM INTERESCOLAR SP 2018 - TVT**. YouTube, 04/12/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lnp1YHHwBZY> acesso em 31 de julho de 2023

Slam Resistência. **Documentário Ágora do Agora**. Slam Resistência. YouTube, 11/05/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9xvcLSj-ICo>. Acessado em: 01 de agosto 2023.

Sites visitados

<http://www.marckellysmith.net/>. Acessado em: 01 de agosto de 2023.

Pesquisa TIC Domicílios 2022 – Comitê Gestor da Internet – Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/domicilios/>. Acessado em: 20 de julho de 2023.

https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2022_coletiva_imprensa.pdf

Dicionário Aurélio disponível em <https://www.dicio.com.br/agora-2/>. Acessado em 12 de agosto de 2023.

<https://somos.globo.com/movimento-led-luz-na-educacao/>. Acessado em: 07 de agosto de 2023.

Matérias

BASILIO, Ana Luiza. Associação de Filosofia repudia Weintraub por cortar recursos da área. **Carta Capital**, 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/associacao-de-filosofia-repudia-weintraub-por-cortar-recursos-da-area/>. Acessado em: 31 de julho 2023.

EIROA, Camila. Movimento de mulheres contra Eduardo Cunha e PL 5069/13 denunciam o Presidente da Câmara e tomam as ruas com o grito: "Pílula fica, Cunha sai". **Revista Trip**, 2015, Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/movimento-de-mulheres-contra-eduardo-cunha-tomam-as-ruas>. Acessado em: 07 de julho de 2023.

LINHARES, Juliana. Marcela Temer: bela, recatada e "do lar". **Veja**, 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acessado em: 08 de julho de 2023.

MARIANI, Daniel; DUCROQUET, Simon. Governo Temer é 3º a estreiar com ministério só de homens brancos. **Nexo**, 2016. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2016/05/13/Governo-Temer-%C3%A9-3%C2%BA-a-estrear-com-minist%C3%A9rio-s%C3%B3-de-homens-brancos>. Acessado em: 08 de julho de 2023.

PINA, Rute. Símbolo da seletividade penal, caso Rafael Braga completa cinco anos. **Brasil de Fato**, 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/06/20/simbolo-da-seletividade-penal-caso-rafael-braga-completa-cinco-anos/>. Acessado em: 29 de julho de 2023.

ROSSI, Amanda; DIAS, Julia; GRAGNANI, Juliana. #EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos. **BBC**, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>. Acesso em 03 de agosto de 2023.

TEMÓTEO, Antonio. Oferta de R\$ 40 milhões para aprovar reforma é "criminosa", diz Olímpio. **UOL**, 2019. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2019/04/24/oferta-de-r-40-milhoes-para-aprovar-reforma-e-criminosa-diz-olimpio.htm>. Acessado em: 31 de julho de 2023.

Vítima de estupro coletivo no Rio conta que acordou dopada e nua. **G1**, 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/vitima-de-estupro-coletivo-no-rio-conta-que-acordou-dopada-e-nua.html>. Acessado em: 12 de agosto de 2023.

Projeto do Senado de combate a notícias falsas chega à Câmara. **Agência Câmara de Notícias**, 2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/673694-projeto-do-senado-de-combate-a-noticias-falsas-chega-a-camara/>. Acessado em: 28 de julho de 2023.

Google contrata Michel Temer para reforçar pressão em favor da empresa no Congresso. **UOL**, 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2023/07/01/google-contrata-michel-temer-para-reforcar-pressao-em-favor-da-empresa-no-congresso.htm>. Acessado em: 28 de julho de 2023.

Após seis anos, policiais acusados do assassinato de Claudia Ferreira ainda não foram julgados ou punidos. **MST**, 2020. Disponível em: <https://mst.org.br/2020/03/17/apos-seis-anos-policiais-acusados-do-assassinato-de-claudia-ferreira-ainda-nao-foram-julgados-ou-punidos/>. Acessado em: 29 de julho de 2023.

Ocupações, atos e polêmicas: veja histórico da reorganização escolar. **G1**, 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/escolas-ocupadas/noticia/2015/12/ocupacoes-atos-e-polemicas-veja-historico-da-reorganizacao-escolar.html>. Acessado em: 29 de julho de 2023.

Policiais deram mais de 100 tiros em carros de jovens mortos no Rio. **G1**, 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/12/mais-de-100-tiros-foram-disparados-por-pms-envolvidos-em-mortes-no-rio.html>. Acessado em: 29 de julho de 2023.

A partir de janeiro polícia vai atirar para matar afirma João Dória. **Folha de São Paulo**, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/a-partir-de-janeiro-policia-vai-atirar-para-matar-afirma-joao-doria.shtml>. Acessado em: 31 de julho de 2023.

Resultado da eleição para presidente no 1º turno. **UOL**, 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/raio-x/presidente-1-turno/resultado-das-eleicoes-para-presidente-considerando-os-votos-validos/?uf=sp>. Acessado em: 31 de julho de 2023.

Dez militares são presos após ação do Exército que fuzilou carro de família no Rio com mais de 80 tiros. **G1**, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/08/dez-militares-sao-presos-apos-acao-do-exercito-que-fuzilou-carro-de-familia-no-rio-com-80-tiros.ghtml>. Acessado em: 31 de julho de 2023.

Bolsonaro se solidariza com Danilo Gentili após condenação por injúria contra Maria do Rosário. **O Popular**, 2019. Disponível em: <https://opopular.com.br/politica/bolsonaro-se-solidariza-com-danilo-gentili-apos-condenacao-por-injuria-contra-maria-do-rosario-1.1773901>. Acessado em: 31 de julho 2023.

Dupla ataca escola em Suzano, mata oito pessoas e se suicida. **G1**, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/tiros-deixam-feridos-em-escola-de-suzano.ghtml>. Acessado em: 31 de julho de 2023.

“Não nasci para ser presidente, e sim militar”, diz Bolsonaro. **Carta Capital**, 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/nao-nasci-para-ser-presidente-e-sim-militar-diz-bolsonaro/>. Acessado em: 31 de julho de 2023.

Entenda a campanha “Agro é Tech, Agro é Pop, Agro é Tudo”. **G1**, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/video/entenda-a-campanha-agro-e-tech-agro-e-pop-agro-e-tudo-5343997.ghtml>. Acessado em: 07 de agosto de 2023.